

Avanço das recomendações
e reflexões para o fortalecimento
das Finanças Sociais e Negócios
de Impacto no Brasil

RELATÓRIO 2016



F O R Ç A T A R E F A
DE
Finanças Sociais

GOVERNANÇA FORÇA TAREFA

Lançada em maio de 2014, a Força Tarefa de Finanças Sociais (FTFS) está estruturada em 5 instâncias, conforme imagem abaixo:



A Força Tarefa de Finanças Sociais (FTFS) foi criada em maio de 2014, a partir de um grupo de trabalho formado por organizações e especialistas que buscavam aumentar a atração de capital, o empreendedorismo e a inovação dirigidos à resolução de problemas sociais. Neste contexto, em outubro de 2015, a FTFS lançou 15 recomendações para levar adiante esta agenda ao longo dos cinco anos seguintes.

Entre o lançamento das recomendações e a confecção deste relatório, o papel da FTFS foi mapear, conectar e apoiar agendas e atores que pudessem fortalecer esse novo campo denominado Finanças Sociais e Negócios de Impacto.

Neste documento queremos mostrar que investimentos em Negócios de Impacto social ou ambiental com retorno financeiro já são realidade no Brasil e no mundo e que vários novos atores passaram a fazer parte desse ecossistema.

Para compartilhar essa tendência global, estudamos, aprendemos e fizemos parcerias com as Forças Tarefas pioneiras – como as do Reino Unido, dos Estados Unidos, do Canadá e da Austrália. Produzimos estudos para quantificar recursos financeiros já investidos e mapear o ecossistema de organizações que girava em torno dessa temática e organizamos diversos eventos para dialogar sobre os desafios e para entender as alavancas que poderiam catalisar o movimento no Brasil.

A efetividade da implementação das recomendações depende do engajamento de diversos atores e da realização de projetos complementares. Assim, à FTFS coube o papel de estimular novas organizações a se conectar a essa temática, criar espaços para inovação e monitorar os avanços e desafios para viabilizar essas recomendações – além de disseminar e celebrar conquistas dos parceiros.

Ao longo de 2016, conduzimos um laboratório de inovação em Finanças Sociais, que permitiu o surgimento e o fortalecimento de parcerias e ações concretas para o campo. Aprofundamos nossa integração a ecossistemas de grande sinergia com nossa agenda, como o de investidores-anjo, institutos e fundações empresariais e o da gestão municipal. E destacamos, ainda, a assinatura do Acordo de Cooperação Técnica com o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), que tem qualificado nossa conexão e plano de trabalho com atores do Governo Federal.

Estamos em plena caminhada, seguros de que há vários marcos que devem ser celebrados, mas também grandes desafios para garantir que esses investimentos gerem de fato melhoria efetiva na qualidade de vida de comunidades, nosso maior impacto desejado.

Este relatório consolida as diversas ações que são resultado direto das recomendações da FTFS e traz reflexões de diversos atores envolvidos com as Finanças Sociais e os Negócios de Impacto. Aproveitamos para agradecer e parabenizar as organizações aqui mencionadas pelos resultados alcançados e pela generosidade com que têm colaborado para o fortalecimento do campo.

Esperamos que você possa conhecer mais sobre as recomendações da FTFS e os avanços conquistados ao longo de 2016. Caso você tenha implementado ou acompanhado outras ações relacionadas aos temas que discutimos aqui, não deixe de nos contar. E se quiser participar desse movimento, nos procure para uma conversa.

Força Tarefa de Finanças Sociais

Andre Degenszajn | Daniel Izzo | Fábio Barbosa | Guilherme Ferreira |
Luiz Lara | Marcos Vinícius de Souza | Maria Alice Setubal | Rodrigo Menezes

ÍNDICE

Ecosistema de Finanças Sociais .	5
Lab de Inovação em Finanças Sociais .	6
Avanços do ecossistema .	9
Consulta aberta .	11
Avanços e desafios por recomendação .	12
Alinhamento com o movimento global .	46
Comunicação: Direcionamentos e desafios .	47
Próximos Passos .	48
Planejamento 2017 .	49
Expediente .	40

ECOSSISTEMA DE FINANÇAS SOCIAIS

As Finanças Sociais referem-se ao direcionamento de capital público e privado a Negócios de Impacto ou a ações que utilizam mecanismos financeiros com o compromisso de gerar impacto social com sustentabilidade financeira, conforme dinâmica ilustrada abaixo:

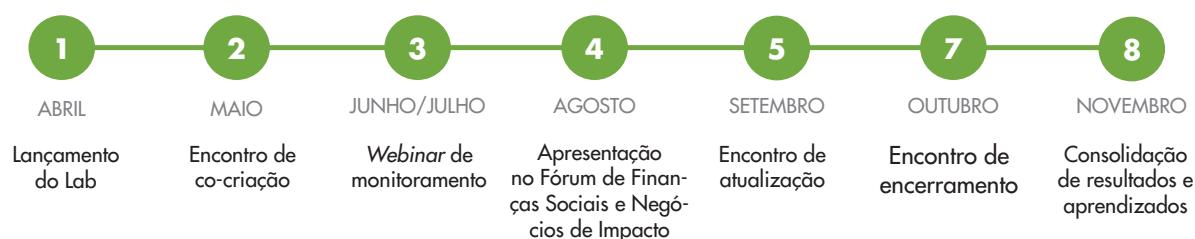


LAB DE INOVAÇÃO EM FINANÇAS SOCIAIS

A concretização das recomendações da FTFS depende do engajamento de diversas organizações com os desafios propostos, da construção de projetos que tragam novas soluções (ou impulsionem as soluções vigentes) e do direcionamento de recursos diversos (de dinheiro a influência política) como apoio a essas soluções. Nesse contexto, em vez de dialogar com organizações individualmente, a FTFS tem buscado conectar o maior número de organizações em torno de temas estratégicos para que, destes encontros, possam emergir parcerias e soluções inovadoras concretas que estejam alinhadas à missão das organizações e que fortaleçam o campo das Finanças Sociais e de Negócios de Impacto.

Fruto de uma parceria com a Aoka Labs, o primeiro laboratório de inovação em finanças sociais foi implementado entre abril e novembro de 2016. Dentre os muitos resultados positivos e pontos a aprimorar dessa experiência, destacaram-se a carência e o potencial de espaços como esse para aprendizagem, troca, conexão e ação.

CICLO DE 8 MESES



PROTÓTIPOS GERADOS	
NOME DO PROTÓTIPO	OBJETIVOS
Anjos de Impacto	Apresentar o campo das Finanças Sociais e oportunidades de investimento em Negócios de Impacto para investidores-anjo
Garantia aos investidores	Produzir parecer sobre riscos jurídicos e tributários no investimento de Fundações e Associações em Negócios de Impacto
Fundações e institutos de impacto	Engajar Institutos e Fundações para explorar a utilização de novos instrumentos de Finanças Sociais (como crowdequity, empréstimo e garantia), estruturando eventos de formação e um fundo social para investimentos em conjunto
Empático	Adaptar da ferramenta <i>B Impact Assessment</i> para identificar empresas com produtos e serviços para a base da pirâmide, gerando uma certificação "B BOP" (<i>base of pyramid</i>)
Hackers de impacto	Criar uma plataforma online que seja um <i>hub</i> para diferentes atores do ecossistema acessarem informações e conexões
Ponta-a-Ponta	Reunir lideranças e/ou empreendedores de determinado território para conhecer necessidades e possibilidades de iniciativas/empreendimentos reais ou potenciais

PRINCIPAIS RESULTADOS

Reforço do posicionamento da FTFS no engajamento e na conexão de atores estratégicos e temas-chave do campo.

Mais interação com o campo e melhor entendimento sobre o setor por parte das organizações.

Fortalecimento de conexão entre organizações participantes (com o estabelecimento de parcerias efetivas e projetos para além do Lab).

Construção de sete protótipos, com líderes, planos de ação e metas (surgem novos representantes para compartilhar a responsabilidade pela implementação de ações ao lado da FTFS).

ORGANIZAÇÕES PARTICIPANTES



“Em última análise, os desafios do século XXI não podem ser enfrentados sem ação coletiva”, Barack Obama

O Laboratório de Inovação em Finanças Sociais foi desenvolvido com base na Teoria U, uma tecnologia social desenvolvida no MIT (EUA) pelo *Presencing Institute*, liderado pelo Prof. PhD. Otto Scharmer, que tem uma parceria com a Aoka Labs no Brasil. Essa tecnologia apoia líderes ao redor do mundo para intervir em sistemas complexos de forma colaborativa e inovadora, explorando sinergias e dando passos concretos para construir juntos um futuro desejável.

Um dos aspectos fundamentais do Laboratório foi construir um entendimento comum sobre o momento do campo, seus principais desafios e oportunidades, permitindo assim que cada instituição/indivíduo se reconhecesse como parte fundamental ou complementar e compreendesse seu papel e potencial de contribuição. A partir desta compreensão e visão sistêmica, partimos para a construção de projetos concretos de ação coletiva que contribuíssem com o avanço de seis das recomendações da FTFS.

Quando falamos em intervir em sistemas complexos, como o campo das Finanças Sociais e Negócios de Impacto, é preciso ir além da superfície e das “soluções mágicas”. Se faz necessário também compreender a qualidade das relações existentes e os interesses específicos dos diferentes atores. Ao fortalecer essas relações por meio de encontros, jornadas de aprendizagem e momentos de diálogo estruturado, criamos espaços de confiança promissores, de onde surgem planos de ação coletiva com base nas sinergias entre as agendas dos participantes. Isso pode ser percebido nos protótipos desenvolvidos durante o Lab, que manifestam avanços concretos tanto para as organizações participantes quanto para o campo.

Processos de criação de inovação social semelhantes vêm sendo desenvolvidos em todo o mundo, abordando desafios complexos como alimentação e nutrição, bem-estar global, educação, entre outros. Desafios dessa natureza requerem um processo sofisticado e preciso para conciliar os interesses de diversas organizações do governo, empresas, academia e terceiro setor e gerar iniciativas de ação coletiva que sejam resilientes.

O Lab de Inovação em Finanças Sociais vem sendo citado como *case* de sucesso global pelo *Presencing Institute*, especialmente pelos significativos resultados em termos de ativação do ecossistema por meio do fortalecimento das conexões e sinergias entre os participantes, bem como pelos protótipos resultantes.

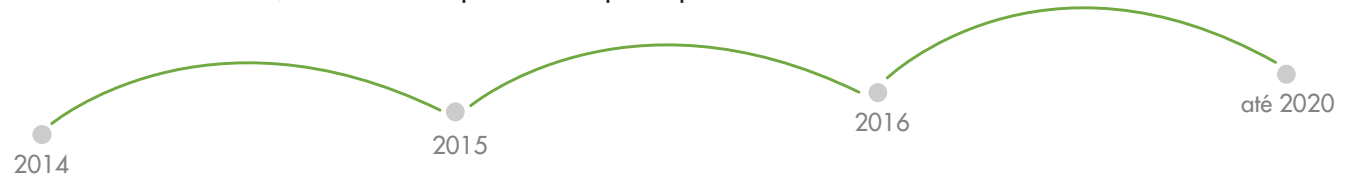
No entanto, o sucesso do Lab vai muito além dos protótipos criados e das conexões fortalecidas. Estamos falando do florescimento do campo, em que dezenas de organizações dos três setores estão empenhadas em construir um futuro onde desafios sociais e ambientais possam ser resolvidos por meio de oportunidades de negócios.

Já estamos trabalhando numa segunda rodada do Lab de Finanças Sociais, com novas recomendações e novos atores e criando projetos concretos para que cada setor e instituição participante consiga disseminar essa visão e fortalecer o tema em seus territórios.

Aoka Labs



Há três anos a Força Tarefa de Finanças Sociais (FTFS) tem monitorado o campo das Finanças Sociais e dos Negócios de Impacto. Nesse período, identificamos quatro alavancas que precisam ser impulsionadas ao mesmo tempo para concretizar nossa visão para o ecossistema até 2020. Abaixo, uma síntese sobre os avanços e as metas para o campo, a partir dessas alavancas:



AMPLIAÇÃO DA OFERTA DE CAPITAL

No ano de 2014, um estudo da FTFS e da Deloitte identificou que R\$ 13 bilhões foram investidos por meio de mecanismos de Finanças Sociais (principalmente microcrédito)

Estudo da Ande de 2015 aponta existência de 22 investidores de impacto ativos no Brasil, que aportam US\$ 177 milhões

Poucos Institutos e Fundações conhecem e investem no campo

Algumas famílias de alta renda começam a investir em fundos de investimento de impacto

Itaú e BID integram oficialmente a Força Tarefa de Finanças Sociais

Estudo da Ande de 2016 aponta 29 investidores de impacto ativos no Brasil, que somam US\$ 186 milhões

21 Institutos e Fundações aprendem sobre mecanismos de Finanças Sociais e se comprometem a alocar cerca de R\$ 700 mil em um fundo social para investir em Negócios de Impacto

Dois modelos de Contratos de Impacto Social (tradução para *Social Impact Bonds - SIBs*) nas áreas de educação e saúde, em estudo para implementação

Novos mecanismos de investimento no campo em ações pilotos: *equity crowdfunding* e securitização

No ano de 2020, R\$ 50 bilhões investidos por meio de mecanismos de Finanças Sociais

10 bancos/*wealth managers* com posicionamento em Finanças Sociais definidos, incluindo a oferta de produtos

10% dos associados GIFE (de um total de 136) direcionam no mínimo 5% de seus investimentos e doações ao campo das Finanças Sociais e Negócios de Impacto

Municípios e consórcios de municípios compram e contratam Negócios de Impacto para qualificar o atendimento a população



AUMENTO DO NÚMERO DE NEGÓCIOS DE IMPACTO

Grupo de organizações definem quatro princípios para identificar modelos de Negócios de Impacto

Organizações-chave de apoio a empreendedores, como SEBRAE, abrem a temática para sua rede

Ampliação do trabalho com "Negócios de Impacto Social e Ambiental" na Diretoria Nacional do SEBRAE e mais de 6 mil atendimentos para empresas (ou potenciais empresas) de impacto em 5 Estados

Lançamento do 1º Censo de Negócios de Impacto pela Pipe Social

Em estudo utilização de ferramenta do Sistema B para identificar organizações com produtos e serviços para a base da pirâmide

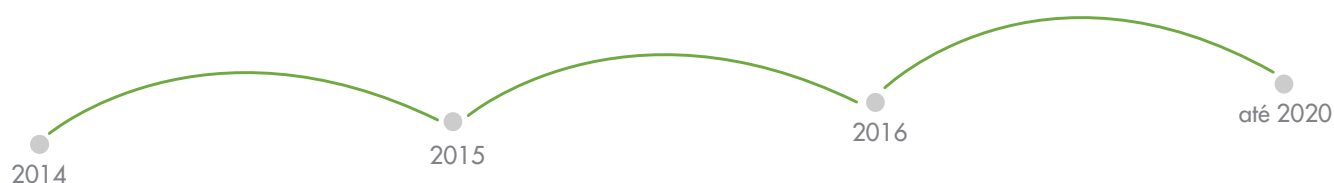
Estruturação da "InovAtiva de Impacto", que acelerou 16 Negócios de Impacto em 2016 (com a previsão de 125 para 2017)

200 novos Negócios de Impacto incubados e acelerados ao ano por diversas organizações do campo

20 grandes empresas com programas estruturados para apoiar Negócios de Impacto (por meio de compras, investimentos e incentivos a *startups*)

10 mil empreendedores participam de atividades diversas do SEBRAE sobre Negócios de Impacto

InovAtiva de Impacto acelerou 600 Negócios de Impacto em seus programas e vários têm parcerias com governos municipais, estaduais e federal



FORTALECIMENTO DE ORGANIZAÇÕES INTERMEDIÁRIAS

Poucas incubadoras e aceleradoras reconhecidas por sua atuação com Negócios de Impacto

Rede NIFS (professores envolvidos com Negócios de Impacto e Finanças Sociais) com 23 docentes de 4 Institutos de Ensino Superior (FGV-SP, FEA-USP, Insper e FGV-RJ), em 2 Estados brasileiros (SP e RJ).

20 incubadoras e aceleradoras de base tecnológica (de 4 regiões do país) engajadas e formadas para selecionar e apoiar Negócios de Impacto

Rede NIFS conta com 50 docentes de 28 IES, em 10 Estados brasileiros

Rede de Mensuração de Impacto em Finanças Sociais, com a participação de 25 organizações interessadas no tema

Centros de avaliação de impacto atuantes em todas as regiões do país

Ao menos 10 fundos de investimento atuantes com teses de impacto

Ao menos 40 incubadoras e aceleradoras do Brasil têm estratégias específicas para selecionar e apoiar Negócios de Impacto

Instituições de Ensino Superior formam alunos em áreas de Finanças Sociais e Negócios de Impacto em todas as regiões (e não apenas em carreiras de negócios)



PROMOÇÃO DE UM MACRO AMBIENTE FAVORÁVEL

Poucos gestores públicos e lideranças de grandes empresas conhecem o campo das Finanças Sociais e Negócios de Impacto

Ausência de grupos formados para repensar legislações que favoreçam o campo

Firmado Acordo de Cooperação Técnica com Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços para promoção das Finanças Sociais no Brasil

Formação do grupo de trabalho "Finanças Sociais no Governo Federal"

Aprovada legislação que protege investidores-anjo

Estruturado e disseminado parecer técnico sobre riscos jurídicos e tributários relacionados aos investimentos de fundações e associações em Negócios de Impacto

O tema das Finanças Sociais e Negócios de Impacto é conhecido e entendido pela maioria dos gestores públicos (federais, estaduais e municipais) e líderes de grandes empresas

O processo de elaboração deste relatório envolveu a realização de uma consulta aberta em plataforma online que, ao longo de novembro de 2016, teve os objetivos de:

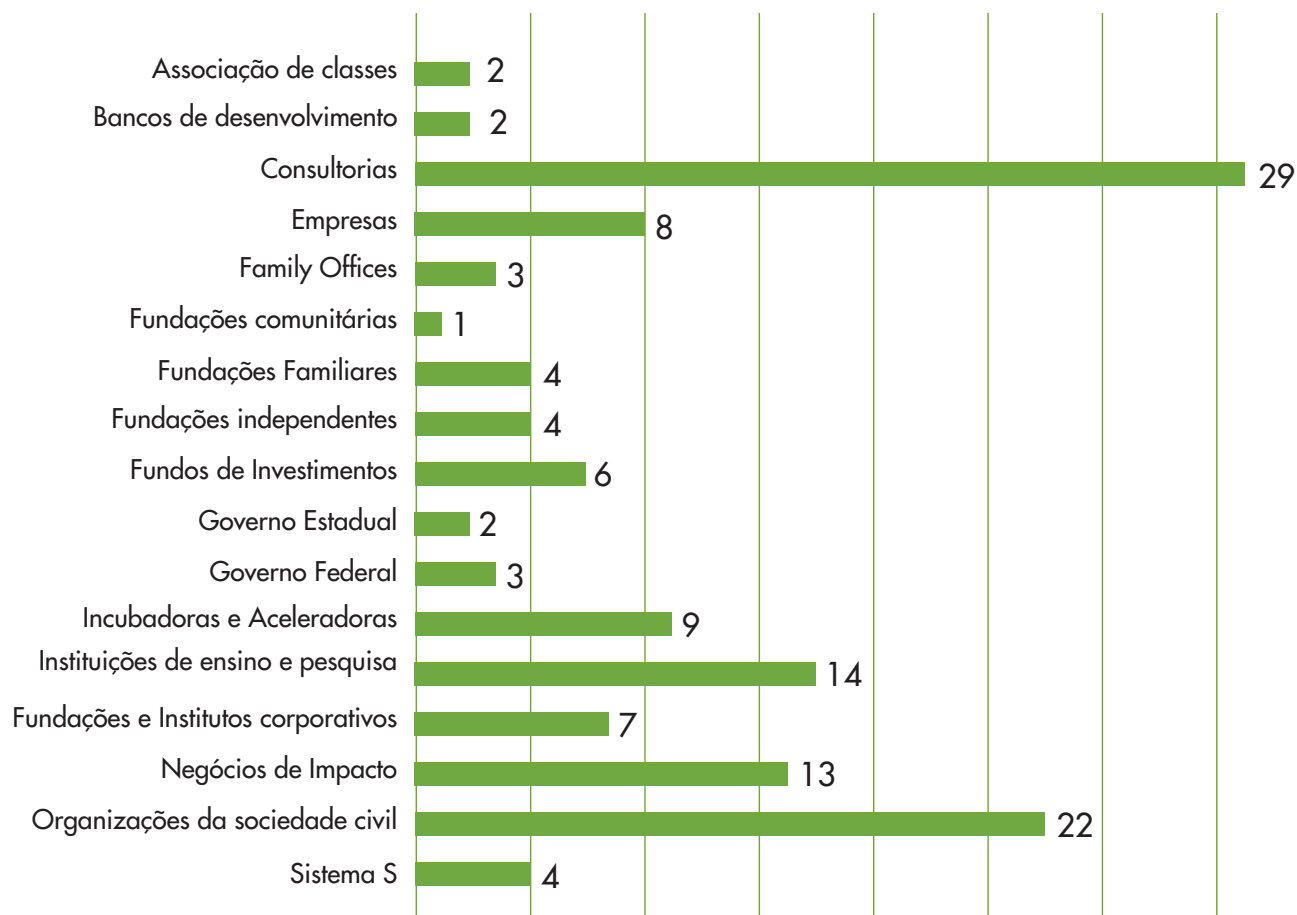
1. Mapear resultados e conquistas, para além das conexões da FTFS, que apoiam o avanço das recomendações.
2. Refletir sobre desafios e legislações que apoiam o desenvolvimento de temas estratégicos.
3. Validar com atores do ecossistema informações para a construção desse relatório.

133 visitantes se cadastraram para interagir na consulta aberta

253 visitantes acessaram a consulta aberta

47 Temas Criados

178 Interações na consulta



Nas páginas 12 a 45 deste relatório, consolidamos os avanços e desafios mapeados durante a Consulta Aberta. Acesse o site para obter informações detalhadas e links:

avancos.forcatarefainancassociais.org.br

O site continuará em funcionamento ao longo de 2017, e a FTFS manterá os esforços de mapear e registrar ações e conquistas que apoiam o avanço das Finanças Sociais e dos Negócios de Impacto. Convidamos todos para nos ajudar a manter o site atualizado.

INVESTIMENTO DE INDIVÍDUOS DE ALTA RENDA EM PRODUTOS DE IMPACTO

DEFINIÇÃO

A FTFS recomenda a indivíduos de alta renda que, direta ou indiretamente (por exemplo, via *Family Offices*), incentivem as instituições financeiras das quais são clientes, bem como os gestores de fundos de investimentos que administram seu patrimônio, a criar produtos financeiros de investimento com impacto social e/ou definir, para produtos existentes, um percentual de alocação nesse tipo de investimento.

ONDE QUEREMOS CHEGAR

Indivíduos de alta renda, ou seus respectivos *Family Offices*, direcionam de 1% a 3% do montante de seus investimentos para fundos/produtos financeiros de impacto social até 2020.

Indivíduos de alta renda e *Family Offices* questionam seus gestores financeiros sobre o impacto social gerado por seu capital investido.

Instituições financeiras oferecem a seus clientes oportunidades de investimentos em fundos que promovem intencionalmente impacto social positivo.

AVANÇOS 2016

Lançamento do Relatório “Panorama do Setor de Investimento de Impacto na América Latina”: relatório sobre as condições e cenário atual dos investimentos de impacto na América Latina, considerando o mercado de 2014-2015 e com foco especial no Brasil, Colômbia e México. Realização: *Aspen Network of Development Entrepreneurs (ANDE)*, *Latin American Private Equity & Venture Capital Association (LAVCA)* e *LGT Impact Ventures*, 2016.

Lançamento da publicação “Investimento de Impacto - Frameworks para Famílias”: publicação da *The Impact* (fundada por Justin Rockefeller) com informação e depoi-

mentos de famílias investidoras brasileiras, para inspirar outras famílias no tema de investimento de impacto.

Sanção presidencial da Lei Complementar do Simples traz novo incentivo ao investimento-anjo brasileiro pelo aumento da proteção ao investidor: pessoas físicas e jurídicas poderão fazer aportes de capital, mas não serão consideradas sócias, não terão participação na gerência ou voto na administração da empresa – com a vantagem de que esses investidores não responderão por qualquer dívida da empresa, inclusive em recuperação judicial.

Três bancos comerciais, Itaú, Fator e BTG começaram a distribuir produto de impacto (fundo Vox Capital) por meio de seus *private banks*.

Estruturação do projeto “Anjos de Impacto”: um dos protótipos criados pelo Lab de Finanças Sociais com o objetivo de apresentar o campo das Finanças Sociais e oportunidades de investimento em Negócios de Impacto para investidores-anjos.

DESAFIOS A SEREM SUPERADOS

Estimular o surgimento de novos gestores de fundos de investimento de impacto para “liberar/destravar” potencial de investimento por grandes *players* (bancos).

Construir um discurso que mobilize indivíduos de alta renda a investir em fundos de impacto.

Quebrar o ciclo paralisante de falta de investimento *versus* carência de produtos de investimento de impacto *versus* ausência de negócios aptos para investimento *versus* baixo volume de investimento.

Engajar mais *Family Offices* no Brasil para que conheçam e invistam no campo das Finanças Sociais e Negócios de Impacto.

Apesar de **ainda** não ter grande representatividade no mercado, o investimento de impacto apresenta duas características que podem torná-lo bastante interessante. A primeira delas é o fato de que esse tipo de investimento empodera o investidor, já que permite que ele escolha não só o tipo de retorno que prefere ter, mas também o tipo de impacto positivo que pretende incentivar com seus recursos. A segunda, e talvez a que possa garantir a eficiência dessa modalidade de investimento no curto prazo, é o fato de que os mecanismos de investimento são relativamente simples e de fácil entendimento tanto pelo investidor como pelo responsável pela gestão do recurso. Da mesma maneira como ocorre com os *Green Bonds* (títulos verdes), a facilidade para grandes gestores de ativos entenderem e internalizarem esses mecanismos faz com que, uma vez que haja demanda de investidores, torna-se fácil desenvolver e implantar fundos de impacto.

Porém, existe a necessidade de algumas evoluções para que o mercado se consolide. No Brasil, por exemplo, cerca de 90% dos investimentos de impacto ainda são *venture capital*, diferente dos EUA. Soma-se a isso um perfil de investidor nacional bastante conservador. Pesquisas da ANBIMA (Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais) apontam que 40% deles ainda aplicam na caderneta de poupança. A combinação dessas características limita o avanço dos investimentos de impacto. Além disso, a conjuntura econômica garante um mercado de renda fixa extremamente atraente para investidores corporativos e de alta renda, desviando o fluxo de capital que poderia ser aplicado na renda variável.

Existe um ciclo paralisante de investimento pela carência de produtos de impacto que, por sua vez, indicam ausência de negócios aptos para investimento, que sofrem com o baixo volume de recursos. Esse ciclo paralisante é comum com tecnologias inovadoras, especialmente no mercado financeiro, que tem um perfil bastante voltado para a mitigação de risco.

Para começar a quebrar esse ciclo, é necessário evoluir com três agendas em paralelo. A primeira delas, do lado da oferta de capital, tem a ver com o intuito de, em primeiro lugar, fomentar a discussão da responsabilidade do investidor como provedor de capital para práticas que têm potencial de gerar impactos socioambientais negativos (lógica do risco X retorno a qualquer preço). Em segundo lugar, deve-se ampliar a discussão sobre o “dever fiduciário 2.0” junto a gestores de recursos, ou seja, em que ponto esse tipo de negócio tem uma relação risco X retorno melhor, principalmente no longo prazo. E, em terceiro lugar, instrumentalizar investidores já sensibilizados com essa agenda, permitindo o início do direcionamento do capital para os negócios sociais já existentes.

Outra agenda muito necessária, e talvez o grande mecanismo para quebrar esse ciclo a curto prazo, é o lado da demanda de capital, principalmente via fomento da pesquisa de base nesse campo, que abrange o fortalecimento do próprio conceito de Negócio de Impacto, métricas de mensuração de impacto e o potencial desse mercado, papel que a Força Tarefa tem desempenhado com muita habilidade. Além disso, é imprescindível o apoio ao empreendedorismo social, por meio do aporte de recursos financeiros (como *Seed Money*, empréstimos de bancos de fomento e desenvolvimento e investimento-anjo) e por meio de recursos não financeiros, como mentoria, aceleração e outros mecanismos de apoio ao empreendedor.

Por fim, uma agenda macroeconômica que também toma corpo e tem grande potencial de alavancar o processo de direcionamento de fluxos de capital do *business as usual* para o investimento de impacto, e a precificação de externalidades negativas, seja pelo setor privado, por meio dos custos internos de carbono, seja pelo setor público, por meio de mecanismos de comando e de controle. A precificação correta do impacto socioambiental negativo deve adicionar um grande ganho de competitividade aos negócios sociais, fazendo com que os fluxos financeiros naturalmente se direcionem para esse tipo de negócio.



Nossa primeira descoberta, que nos incentiva a ir ainda mais longe, é que já existem muitas iniciativas baseadas no mesmo princípio de analisar investimentos não só pelos seus méritos de retorno financeiro, mas também pelo que podem trazer de resultados sociais e ambientais.

A potência da Força Tarefa é agrupar e criar métricas e fóruns apropriados para que surjam mais protagonistas e incentivadores para aprendermos juntos. A área de investimento de impacto norteará a forma de fazer negócios e aplicar recursos no futuro.”

Guilherme Affonso, Bahema e Força Tarefa de Finanças Sociais



A Força-Tarefa de Finanças Sociais se propôs a lidar com um conjunto de desafios fundamentais para a expansão do campo de investimento de impacto no Brasil. Em uma das suas dimensões, pretende estimular o engajamento de institutos e fundações nessa agenda, podendo desempenhar um conjunto variado de papéis. O primeiro desafio, sobre o qual a FTFS apresentou uma contribuição central, foi chamar a atenção para a relevância que esses atores, tradicionalmente situados no campo da filantropia, podem desempenhar, particularmente, no apoio a negócios em seus estágios iniciais e no apoio a organizações intermediárias que são essenciais para o fortalecimento desse ecossistema. Institutos e fundações partem de uma posição privilegiada em que seu objetivo final em termos de impacto social não rivaliza com a necessidade de geração de retorno financeiro, conferindo a possibilidade dessas organizações assumirem mais riscos, operando em áreas em que a atração do capital de mercado é mais desafiadora. O alto grau de incerteza sobre a viabilidade de novos negócios, e sobre a sua capacidade de produzir impactos sociais efetivos, tem o potencial de encontrar na flexibilidade, agilidade e proximidade com o campo socioambiental de institutos e fundações um aliado estratégico. E é justamente na combinação de estratégias e ferramentas de investimento social, e não na sua substituição linear, que poderemos produzir as transformações mais promissoras.



Andre Degenszajn, GIFE e Força Tarefa de Finanças Sociais

PROTAGONISMO DE FUNDAÇÕES E INSTITUTOS

DEFINIÇÃO

A FTFS recomenda a Fundações e Institutos (empresariais, familiares e independentes) que realizem doações e investimentos para viabilizar iniciativas-piloto e inovadoras do campo de Finanças Sociais e Negócios de Impacto.

ONDE QUEREMOS CHEGAR

Fundações e Institutos direcionam, até 2020, 5% de seus investimentos e doações ao desenvolvimento do campo das Finanças Sociais e Negócios de Impacto, preferencialmente em estratégias de fortalecimento de organizações intermediárias ou de atração de novos investidores.

Mais Institutos e Fundações conhecem o campo das Finanças Sociais e Negócios de Impacto e experimentam novos instrumentos/mecanismos de financiamento que possam contribuir para mais capital e escala no campo, como por exemplo, garantia, *crowdequity*, empréstimo, entre outros.

Mais projetos-piloto inovadores implementados com o apoio de Institutos e Fundações.

AVANÇOS 2016

Lançamento Rede Temática de Negócios de Impacto GIFE: coordenada pelo ICE e pelo Instituto Sabin, e com participação de cerca de 45 organizações, a Rede tem o objetivo de entender essa nova tendência no campo do investimento social privado, discutir desafios, oportunidades e adequações necessárias.

Lançamento da publicação “Investimento de Impacto – Uma Introdução”: da *Rockefeller Philanthropy Advisors*, traduzida pelo IDIS em parceria com o Instituto Sabin.

Lançamento de cartilha “Fundações e Institutos Corporativos Investindo em Negócios de Impacto”: guia prático da FTFS de orientação jurídica para fundações e institutos corporativos (formato jurídico de associação) elaborado pelo escritório Derraik & Menezes.

Parecer sobre riscos jurídicos e tributários sobre o investimento de Fundações e Associações em Negócios de Impacto: elaborado pelo escritório Derraik & Menezes, a pedido da FTFS, o parecer discute os riscos jurídicos e tributários relacionados ao investimento de Fundações e Associações sem fins lucrativos em sociedades empresariais.

Envolvimento da Promotoria de Fundações no debate: encontro entre o Promotor de Justiça Cível e Fundações de São Paulo, Dr. Airtton Grazioli, para debater o parecer da Derraik & Menezes.

Estruturação do projeto “Fundações e Institutos de Impacto”: um dos protótipos criados pelo Lab de Finanças Sociais, no qual 21 institutos corporativos e fundações decidiram, em conjunto, estudar e explorar a utilização de novos instrumentos de Finanças Sociais, como *crowdequity*, empréstimo e garantia, investindo conjuntamente em organizações intermediárias que estão atuando com Negócios de Impacto.

DESAFIOS A SEREM SUPERADOS

Acelerar o entendimento do Ministério Público e dos Conselhos de Administração de Institutos e Fundações, levando à regularização do investimento direto de Institutos e Fundações em Negócios de Impacto – potencialmente por meio da organização de seminários nacionais com diferentes representantes do Ministério Público.

Ampliar os aprendizados gerados a partir do projeto “Fundações e Institutos de Impacto” com associados GIFE e organizações interessadas. Fortalecer o compromisso de Fundações e Institutos na oferta de recursos sementes para *startups* e na atração de talentos que ajudem esses negócios a escalarem e a provarem seu modelo de negócio.

Reforçar junto a Fundações e Institutos a importância de financiar estudos de mensuração de impacto dos negócios, essencial para atrair grandes investidores

EXPANSÃO E CAPITALIZAÇÃO DE FUNDOS SOCIOAMBIENTAIS ROTATIVOS

DEFINIÇÃO

A FTFS recomenda ao BNDES que direcione parte de seus aportes anuais de recursos não reembolsáveis para a capitalização de Fundos Socioambientais Rotativos.

ONDE QUEREMOS CHEGAR

- Mais Fundos Sociais fortalecidos e criados a partir de recursos de doações de pessoas físicas, empresas e governo.
- BNDES direciona, até 2020, 5% dos seus aportes anuais de recursos não reembolsáveis para a capitalização de Fundos Socioambientais Rotativos.
- Mais Negócios de Impacto, de diferentes áreas e em todas as regiões do país, financiados por Fundos Socioambientais Rotativos.
- Modelo dos Fundos Socioambientais Rotativos com visibilidade e reconhecimento entre financiadores.

AVANÇOS 2016

Rodadas de reuniões com equipes do BNDES sobre Fundos Socioambientais Rotativos: o Departamento de Inclusão Produtiva (DIP) e o Departamento de Economia da Cultura têm discutido os conceitos e as oportunidades dos Fundos Sociais para um eventual novo produto que poderá realizar investimentos em negócios inclusivos com retorno (sendo que o recurso devolvido não voltaria ao BNDES, mas sim para um “fundo rotativo” gerenciado pelos parceiros do Banco).

DESAFIOS A SEREM SUPERADOS

- Atrair mais financiadores e apoiadores para os Fundos Socioambientais Rotativos.



Fundos Socioambientais Rotativos (FSR) representam uma vertente importante dentro da carteira de investimentos de impacto de pessoas físicas, fundações, institutos e do próprio BNDES, a quem originalmente se destina a recomendação.

Tomando emprestados atributos da filantropia (o recurso entra no Fundo sob a forma de doação) e de Investimento de Impacto (o recurso sai do fundo sob forma de empréstimo ou investimento), os FSR oferecem a flexibilidade e a possibilidade de investimentos que não seriam realizados de outra forma – em situações onde o risco é desproporcional ao retorno – mas com uma probabilidade não desprezível de que o capital volte ao fundo, “reciclando” o capital originalmente doado.

Os desafios para a expansão dos FSR partem do mesmo lugar dos seus benefícios: ao ficar “no meio do caminho” entre filantropia e investimento de impacto e apresentar ampla flexibilidade, aqueles que procuram uma solução simplificada não se identificam com o instrumento. A boa notícia é que, com o amadurecimento do setor de Finanças Sociais no Brasil, os atores entendem cada vez melhor suas próprias necessidades e como traduzi-las aos instrumentos adequados, mesmo que um pouco mais refinados.

Além do BNDES, que está estudando ativamente essa alternativa, cada vez mais fundações e indivíduos procuram a SITAWI - que opera três desses fundos com mais de 30 empréstimos acumulados - para avaliar essa opção estratégica. Como parte do esforço de implementação das demais recomendações da Força Tarefa de Finanças Sociais, ao final de 2016, um grupo de fundações e institutos criou um FSR para experimentar mecanismos de Finanças Sociais.

Acreditamos que a expansão dos FSR no país – da atual escala de milhões de reais para uma escala de dezenas de milhões, com mais atores estabelecendo Fundos Socioambientais Rotativos – facilite a entrada daqueles que querem experimentar um Investimento de Impacto a partir de recursos e mentalidade de filantropia e, ao mesmo tempo, amplie os tipos de capital disponível para os Negócios de Impacto e, com isso, o impacto socioambiental no Brasil.

Leonardo Letelier e Rob Packer, SITAWI Finanças do Bem

SUBCRÉDITO SOCIAL DO BNDES

DEFINIÇÃO

A FTFS recomenda ao BNDES que torne explícito o termo “Negócios de Impacto Social” na lista das aplicações válidas para recursos advindos do Subcrédito Social (Linha ISE) vinculados aos empréstimos econômicos do banco. Demais Bancos e Agências de Desenvolvimento com mecanismos similares deveriam também seguir esta recomendação.

ONDE QUEREMOS CHEGAR

BNDES valida a aplicação do subcrédito social em Negócios de Impacto ou fundos sociais e, até 2020, 5% de todo o recurso usado pelo subcrédito social é aplicado nessas modalidades.

Mais empresas conhecem a oportunidade de usar recursos do subcrédito social do BNDES para apoiar Negócios de Impacto nas regiões onde atuam.

Mais Negócios de Impacto, de diferentes áreas e em todas as regiões do país, são financiados por meio do subcrédito social do BNDES.

AVANÇOS 2016

CPFL utiliza recursos do subcrédito social para apoiar negócios de educação em São Paulo: a empresa de energia investiu cerca de R\$ 11 milhões via subcrédito social do BNDES para a compra de produtos/serviços de quatro Negócios de Impacto, entre eles licenças da Geekie para implantação do sistema em todas as escolas públicas de Araraquara.

EDP utiliza recursos do subcrédito social para estimular o empreendedorismo no Espírito Santo:

a empresa investiu R\$ 1,5 milhão via subcrédito social do BNDES no projeto Educação Empreendedora *Dreamshaper*.

DESAFIOS A SEREM SUPERADOS

Esclarecer as premissas e facilitar a estruturação de operações que utilizam recursos do subcrédito social do BNDES na compra de produtos e serviços de Negócios de Impacto.

Disseminar a oportunidade de utilização de recursos de subcrédito social do BNDES na compra de produtos e serviços de Negócios de Impacto entre grandes empresas tomadoras de empréstimos com o BNDES.

Equacionar diferentes abordagens de monitoramento dos Negócios de Impacto, considerando, por exemplo, que alguns modelos de base tecnológica geram indicadores de usuários online, diferente do padrão de monitoramento de construção de edificações.

Equacionar a exigência do subcrédito, que dá posse do produto receptor do investimento para o poder público ou a sociedade. Esta determinação obriga os negócios de base tecnológica a liberarem suas plataformas e código-fonte, o que desafia o modelo dos negócios.

A Linha de Investimento Social de Empresas (Linha ISE), pela qual o BNDES concede subcrédito social a empresas, tem motivações e resultados pretendidos que se aproximam muito da missão e dos objetivos de Negócios de Impacto.

Um número crescente de empresas tem considerado, para além dos projetos tradicionais de construir edificações, como postos de saúde e escolas nos municípios onde operam, a opção de apoiar Negócios de Impacto por meio de recursos da linha ISE. Algumas submeteram essas propostas à análise do BNDES e seguiram com a implementação, com resultados iniciais positivos.

Tais casos refletem o potencial de escala que os Negócios de Impacto têm de oferecer produtos e serviços que melhoram a qualidade de vida de comunidades, a um custo muito baixo por pessoa, e os tornam um ator relevante na concretização de objetivos do subcrédito social, uma vez que:

- representam uma alternativa adicional de impacto social para as empresas.
- são fornecedores de soluções que têm compromissos efetivos e mensuráveis com a transformação social.
- tendem a contemplar, em sua estratégia, a articulação com políticas públicas, aspecto essencial para o sucesso de projetos sociais nos termos da Linha ISE.
- oferecem soluções que não exigem da administração pública empenho orçamentário relevante após implementados, ao contrário de obras de infraestrutura de serviços públicos, tipicamente financiados na Linha ISE.
- têm a continuidade de projetos e a escalabilidade dos produtos/serviços como um vetor natural para sua sustentabilidade financeira.

No entanto, existem desafios ao sucesso dessa proposta: de um lado, o BNDES espera que esses recursos fortaleçam a responsabilidade social das empresas e gerem impacto social efetivo para as comunidades, e busca formas de garantir isso com a análise que faz antes de aprovar os projetos. Do outro lado, há grandes empresas que compartilham dessas mesmas expectativas, mas sentem dificuldade em demonstrar ao banco o impacto de seus projetos com Negócios de Impacto, já que fogem às propostas tradicionalmente apresentadas.

É necessário que o potencial dessas soluções e os desafios estejam claros para o BNDES, as empresas e Negócios de Impacto apoiados. Estas dificuldades são superadas quando a percepção de risco para os três atores diminui. Recentes evoluções internas de governança e instrumentos como a divulgação de um roteiro para projetos da Linha ISE do BNDES (podem permitir uma análise mais apurada dos projetos).

Acreditamos que o apoio a Negócios de Impacto pode contribuir com a missão do BNDES no desenvolvimento sustentável do país e ampliar as possibilidades para engajamento das empresas com investimento social.

CADEIA DE VALOR DE EMPRESAS

DEFINIÇÃO

A Força Tarefa de Finanças Sociais recomenda a empresários, executivos e membros dos Conselhos de Administração que assimilem e adotem o conceito e a visão de Negócios de Impacto como parte da estratégia de suas empresas e que solicitem a suas equipes ações práticas de incentivo a esses empreendimentos em seus planos de ação.

ONDE QUEREMOS CHEGAR

Mais líderes de empresas conhecem o campo das Finanças Sociais, dos Negócios de Impacto e seus mecanismos de financiamento.

Mais empresas mensuram o impacto social de suas atividades e produtos/serviços, assim como o de sua cadeia de valor.

Empresas incluem critérios de impacto em suas compras, criam estratégias e políticas internas para viabilizar, até 2020, que 5% de suas compras corporativas sejam feitas em Negócios de Impacto.

Empresas estimulam a agenda de inovação e tecnologia, seja por meio do apoio a *startups* ou repensando seus próprios produtos e serviços.

AVANÇOS 2016

Lançamento da Plataforma Origens Brasil: plataforma colaborativa desenvolvida pelo Imafflora e ISA (Instituto Socioambiental) que conecta produtores com compradores, além de permitir ao consumidor final rastreamento de diversos produtos (da floresta ao mercado) através do QR Code. Exemplos: borracha Mercure que utiliza borracha natural, pão Wickbold com castanhas da região norte, etc.

Investimento Instituto Intercement no Projeto Vivenda: o Instituto Intercement foi a primeira grande organização a investir em um Negócio de Impacto por meio de plataforma de *equitycrowdfunding*, gerando um ciclo de aprendizagem para futuros investimentos.

Estruturação do projeto Empactico: um dos protótipos criados a partir do Lab de Finanças Sociais. Envolve o Sistema B e organizações parceiras na adaptação da ferramenta “*B Impact Assessment*” para identificar empresas com produtos e serviços para a base da pirâmide gerando uma certificação “*B BOP*” (*base of pyramid*). O objetivo é apoiar empresas e governos no fortalecimento de suas estratégias de estímulo a compras de produtos e serviços para populações de menor renda.

DESAFIOS A SEREM SUPERADOS

Estimular a participação de grandes empresas no ecossistema de Finanças Sociais e de Negócios de Impacto, seja por meio do esclarecimento de conceitos e oportunidades, seja pela divulgação de casos exitosos.

Distinguir e privilegiar fornecedores que sejam Negócio de Impacto de outros fornecedores sem comprometimento com o impacto social que promovem.

Ampliar a percepção de impacto para além da geração de empregos e renda.

Gerar pesquisas sobre o mercado consumidor de baixa renda que atraia investidores e grandes empresas.



As empresas estão buscando crescentemente atributos de sustentabilidade na sua atuação. Com isso, a inovação e a sustentabilidade na cadeia de valor estão sendo cada vez mais consideradas como relevantes estratégias empresariais.

Esse cenário cria um conjunto de oportunidades de mercado para Negócios de Impacto que tenham em suas teorias de mudança, elementos consistentes de fortalecimento da sustentabilidade de grandes empresas.

Essas oportunidades podem ser segmentadas em pelo menos três nichos, sendo eles: matérias primas para a indústria, produtos acabados para varejistas e produtos e serviços de suporte às atividades operacionais e gerenciais das grandes empresas.

O fornecimento de matérias primas representa uma oportunidade de inclusão da agricultura familiar e de comunidades extrativistas no grande mercado. Diversas indústrias estão construindo relações comerciais mais próximas e favoráveis com as associações e cooperativas de pequenos produtores. A Natura é um exemplo de empresa que possui forte relacionamento com comunidades ribeirinhas da Amazônia, fornecedoras de produtos da biodiversidade.

O fornecimento de bens de consumo para varejistas vem ganhando espaço no mercado brasileiro. A busca por produtos orgânicos e de base comunitária está estimulando grandes varejistas, com destaque aos supermercados, a terem gôndolas e áreas exclusivas destes produtos. O Grupo Pão de Açúcar possui o Programa Caras do Brasil, que além de dedicar um local exclusivo em suas lojas, também possui uma política de compras que considera as especificidades desses produtores.

Por fim, as grandes empresas, independentemente de suas atividades, consomem um conjunto de produtos e serviços em suas rotinas operacionais e gerenciais como serviços de alimentação, transporte, organização de eventos, brindes institucionais, entre outros. A contratação de serviços de buffet *in company*, realizados por negócios que utilizam produtos orgânicos da agricultura familiar e empregam jovens em situação de vulnerabilidade social, é um exemplo que vem se difundindo nos últimos anos.

Apesar dessas oportunidades, as áreas de suprimentos das grandes empresas ainda têm muito o que avançar na flexibilidade de suas exigências burocráticas e em relação ao processo de precificação destes produtos e serviços, considerando os custos reais e os impactos socioambientais positivos aos quais estão atrelados.

Com isso, cabe ao campo dos Negócios de Impacto fortalecer a construção de soluções efetivas para a qualificação das cadeias de valor e cabe às grandes empresas a criação de novos modelos de relacionamento comercial com seus fornecedores de impacto.



Tem sido crescente o número de empreendedores que estão engajados em atingir os melhores resultados financeiros, ao mesmo tempo em que entregam benefícios para a sociedade na questão socioambiental. Já não é uma escolha sacrificar um lado para impulsionar o outro. As inovações tecnológicas e os novos modelos de negócios permitem concretizar a expectativa de gerar impacto e retorno.

As grandes empresas não devem se intimidar diante do desafio de ajustar seu modelo de negócios para fortalecer seu impacto na melhoria de indicadores sociais e ambientais (diferente de resolver os impactos negativos que promove). São vários os caminhos possíveis. O importante é buscar formas positivas de integrar, marginal e progressivamente, critérios que avaliem esses impactos em suas interações com os vários públicos. É possível, é necessário, e todos saem ganhando. ”

**Fabio Barbosa, Itaú Social
e Força Tarefa de Finanças Sociais**



COMPRAS GOVERNAMENTAIS

DEFINIÇÃO

A FTFS recomenda à Academia, ONGs que atuam na gestão pública, Institutos e Fundações que dêem visibilidade a iniciativas já existentes e ajudem na consolidação de modelos alternativos de compras de produtos e serviços de Negócios de Impacto que possam ser replicáveis e escaláveis pelos diferentes governos.

ONDE QUEREMOS CHEGAR

Construção de um referencial (como um Guia Prático) e um documento de aperfeiçoamento legislativo sobre a contratação de Negócios de Impacto pelas três esferas do Governo.

Mais gestores públicos municipais conhecem o campo das Finanças Sociais, de Negócios de Impacto e seus mecanismos de financiamento.

Mais prefeituras e consórcios municipais contratam e compram de Negócios de Impacto.

AVANÇOS 2016

Realização de *workshop* “Compras Governamentais e Negócios de Impacto”: dois encontros de trabalho, promovidos pela Oficina Municipal e pelo ICE, com gestores públicos e especialistas para discutir entraves e oportunidades (do ponto de vista legal, processual e orçamentário) para que municípios possam comprar/contratar Negócios de Impacto.

Pitch Gov do Governo do Estado de São Paulo: seleção de Negócios de Impacto nas áreas de educação, saúde e facilidades ao cidadão, beneficiados com acesso aos dados do governo e aplicação de pilotos (o que os qualificará a participar posteriormente de licitações).

DESAFIOS A SEREM SUPERADOS

Estimular que gestores públicos conheçam, desenvolvam critérios, comprem e contratem Negócios de Impacto – apesar de resistências legais, gerenciais e culturais. Incluir critérios de impacto nos processos de aquisição para aumentar a demanda.

Avançar na elaboração de Guia Prático sobre o Tema de Compras Governamentais (em especial para gestores municipais) de Negócios de Impacto, desmistificando dilemas culturais, processuais e legais.

Viabilizar algumas compras preferenciais de Negócios de Impacto por órgãos de governo (que sirvam de referência para outros órgãos e instâncias governamentais).

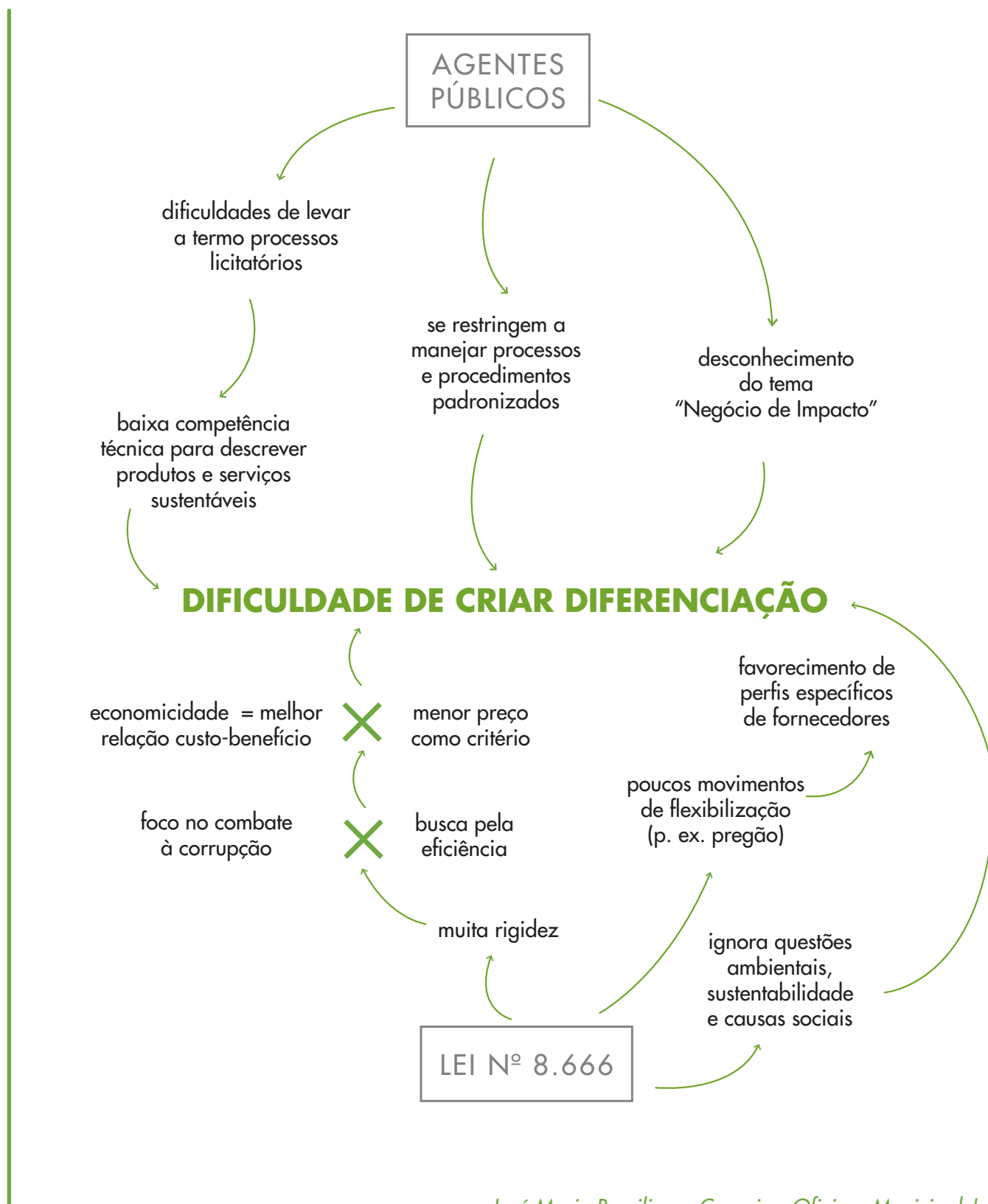
Estruturar uma campanha “Compre das Empresas de Impacto”, explicitando benefícios para a sociedade (a exemplo da campanha “Compre do Pequeno”).

No Brasil, temos acompanhado o crescente surgimento de empresas que querem resolver problemas sociais, atuando em áreas como reformas de casas populares, clínicas de saúde de baixo custo, plataformas de educação adaptativa para melhorar a performance no ENEM, serviços de microfinanças, aplicativos de tradução para libras, etc. Esses empreendimentos estão alinhados aos desafios de governos (federal, estadual e municipal) de oferecer produtos e serviços públicos de qualidade à sociedade. Faz-se necessário conectar os gestores públicos aos empreendedores, e superar as barreiras culturais, processuais e legais para que os Negócios de Impacto possam ser mais um aliado na melhoria da qualidade de vida de comunidades mais vulneráveis.

Entendemos que esse campo pode ser uma alavanca para as políticas públicas, considerando aspectos como:

- Investimento em inovações/tecnologias apropriadas à resolução de problemas sociais complexos.
- Estabelecimento *a priori* de metas sociais em ações, projetos e negócios.
- Aumento do número de investidores e empreendedores buscando entender os problemas sociais e que poderiam coinvestir ou empreender novas formas de resolvê-los ou somar às soluções existentes.
- Levantamento e monitoramento de custo unitário dos serviços públicos (para que empreendedores identifiquem oportunidades de intervenção e para que gestores públicos avaliem, qualifiquem e comprem gerando o melhor atendimento à população a um melhor custo).
- Diferenciação e mensuração de resultado e impacto no âmbito social.
- Estímulo a agendas de coinvestimento público-privado em soluções de prevenção (clareza de economias do orçamento público e impacto futuro).
- Revisão de formatos e abrangências de parcerias público-privado.
- Possibilidade de testar a efetividade de novos formatos para a política pública – seja pela economia de gastos ou testando novas práticas e seu impacto antes de escalá-las.
- Ampliar o debate sobre o pagamento por performance no setor público.

Em 2016, a Oficina Municipal e o ICE conduziram um *workshop* para a construção de um mapa de desafios para a contratação de Negócios de Impacto por gestores públicos municipais. A partir desse contexto, buscaremos espaços para diálogos, formações e ações pilotos para ampliarmos os casos de sucesso já em 2017.



José Mario Brasiliense Carneiro, Oficina Municipal |
Celia Cruz e Diogo Quitério, ICE - Instituto de Cidadania Empresarial

DEFINIÇÃO

A FTFS recomenda que bancos e agências de fomento federais (como por exemplo, o BNDES e a FINEP), estaduais (como Desenvolve SP) e organismos multilaterais (como o BID-Fumin, IFC, DEG, etc.) incorporem o tema de investimento de impacto na definição de seus critérios para realizar chamadas para aportes em Fundos de *Venture Capital* e *Private Equity*.

ONDE QUEREMOS CHEGAR

Mais chamadas para a escolha de gestores com foco específico na tese de investimento de impacto ou gestores não especialistas, mas que ofereçam em sua plataforma Fundos de Investimento de Impacto Social.

Mais fundos de investimentos com critérios de impacto como parte de sua tese de investimento.

Mais fundos especializados em Investimentos de Impacto.

AVANÇOS 2016

Seleção da Vox Capital na primeira chamada do BNDES para aporte em fundos de *Venture Capital* com indicadores de impacto: primeira chamada da Bndespar – empresa de



As chamadas públicas para fundos de investimento de impacto têm uma importância fundamental para o desenvolvimento do tema. Os órgãos governamentais de fomento são uma das principais fontes de financiamento de fundos voltados para o capital empreendedor, que possuem prazo mais alongado e perfil de risco mais alto. Nada mais natural que eles também sejam investidores muito relevantes para as finanças sociais. O tema, em si, tem muita sinergia com os objetivos desses órgãos públicos que também buscam o desenvolvimento social do Brasil.

Nessa frente, uma grande conquista foi a inclusão do tema na última chamada pública de fundos do BNDES, como um dos critérios de seleção dos gestores avaliados.”

participações do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) – para gestores de fundos de investimentos, e que incluía o tema de investimento de impacto como uma das teses de investimento, teve, entre os cinco selecionados, a Vox Capital, fundo de investimento de impacto social.

Criação de Comitê de investimentos de impacto na ABVCAP: a Associação Brasileira de *Private Equity* e *Venture Capital* (ABVCAP) criou um Comitê para discutir e propor soluções ao desafio de estimular fundos brasileiros tradicionais a atuar no campo do impacto, além de atrair mais investidores de impacto internacionais para o mercado brasileiro.

DESAFIOS A SEREM SUPERADOS

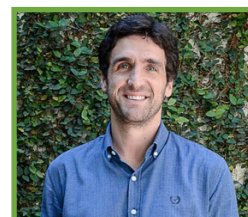
Atrair investidores de impacto estrangeiros para atuar no Brasil.

Garantir alinhamento entre gestores de fundos e investidores sobre os padrões mínimos de avaliação de impacto.

Formar mais gestores de fundos de impacto.

Criar novos fundos de investimento de impacto com tamanhos distintos de investimento.

Daniel Izzo, Vox Capital
e Força Tarefa de Finanças Sociais



DEFINIÇÃO

A FTFS recomenda a Empresas, Fundações, Institutos e Governo que considerem em suas estratégias de investimento social incubadoras e aceleradoras que contemplem formação e apoio a empreendedores com Negócios de Impacto.

ONDE QUEREMOS CHEGAR

Ao menos 10% das incubadoras e aceleradoras do Brasil se autodeclararam trabalhando com Negócios de Impacto em uma fração relevante de seu portfólio e utilizam indicadores para medir impacto social de seus empreendimentos incubados e acelerados.

Mais modelos de negócio qualificados para receber financiamento e oferecer soluções de escala para a melhoria de vida de populações de menor renda.

AVANÇOS 2016

Implementação do Programa “Incubação e Aceleração de Impacto”: realizado pelo ICE, Anprotec e Sebrae, em parceria com a Fundação Telefônica Vivo, o programa tem o objetivo de mobilizar aceleradoras e incubadoras a desenhar estratégias para atrair, selecionar e acompanhar Negócios de Impacto Social. O Programa contou com 20 incubadoras e aceleradoras na 1ª rodada (2015-2016), sendo que cinco foram premiadas com R\$ 25 mil cada no desafio de Incubação e Aceleração de Impacto (pelos melhores planos de ação) e receberam, além do prêmio em dinheiro, *vouchers* de serviços do Sebrae. Na 2ª rodada, 35 incubadoras e aceleradoras iniciaram o programa e suas capacitações.

Estruturação do projeto “InovAtiva de Impacto”: um dos protótipos fortalecidos durante o Lab de Finanças Sociais, com o objetivo de integrar novas diretrizes na InovAtiva Brasil (Programa do MDIC – Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços com o Sebrae de aceleração em larga escala para negócios inovadores) para a criação de uma nova vertente, voltada para a seleção e apoio específico de Negócios de Impacto. Na rodada de 2016, foram mapeados 15 negócios anteriores que poderiam ser qualificados como Negócios de Impacto e a expectativa para 2017 é de apoiar 125 Negócios de Impacto entre os 625 mapeados.

Piloto do projeto de incubação “Pense Grande”: projeto da Fundação Telefônica Vivo que apoiou, por dez meses, 14 empreendimentos que fazem uso de tecnologia digital para jovens de periferia dos Estados do CE, PA, PE, MG, SP e RJ, com foco em impacto social.

Estruturação do projeto NIP - Negócios de Impactos Periféricos: iniciativa da A Banca para incubar Negócios de Impacto periféricos, com projetos nascidos e criados nas periferias da cidade de São Paulo.

Segunda rodada do Programa “Grow2impact”: metodologia colaborativa da Ashoka para apoiar empreendedores de ONGs no fomento de negócios sociais escaláveis e na estruturação dos planos de negócio. Já apoiou 16 projetos.

Baanko Challenge para o desenvolvimento de Negócios de Impacto Social alinhados aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU: realização de cinco rodadas do programa, sendo uma em Valparaíso, no Chile, e outras quatro no Brasil (Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Salvador).

Programa de Fortalecimento de Negócios Inclusivos de Comunhão: Associação Nacional por uma Economia de Comunhão (Anpecom) e a Ação Mundo Unido selecionaram dez projetos para receber consultoria empresarial e de desenvolvimento humano, capital semente e oficinas de formação empreendedora.

DESAFIOS A SEREM SUPERADOS

Minimizar instabilidades referentes à crise de financiamento de muitas aceleradoras e incubadoras que estão nos *campus* de universidades públicas.

Fortalecer estratégias para atrair capital semente e talentos de mercado para as *startups*.

Ampliar número e diversidade de grandes empresas que estruturam programas de aceleração e incubação, utilizando recursos de P&D, para o desenvolvimento de Negócios de Impacto de base tecnológica.

Os Negócios de Impacto sempre tiveram espaço no movimento do empreendedorismo inovador brasileiro, marcando presença desde o início da trajetória dos ambientes de inovação no país. Isso porque incubadoras e aceleradoras de empresas já nascem com o propósito de impulsionar o desenvolvimento socioeconômico nas regiões onde atuam. Contribuem, assim, de forma efetiva para a geração de empregos, renda e inclusão social.

Hoje, muitas empresas apoiadas por esses mecanismos comprovam que é possível ir além: oferecer produtos e serviços que gerem lucro a partir de impactos positivos na sociedade. Dar apoio para que esses negócios concretizem seu potencial, cresçam e se multipliquem é o papel de incubadoras e aceleradoras. Por isso, a Anprotec, em parceria com o ICE e o Sebrae, tem se empenhado em formar as equipes de ambas para identificação e apoio a Negócios de Impacto. Com a disseminação do conhecimento sobre esse tipo de empresa, temos condições de fazer ainda mais: atrair empreendimentos de alto impacto, contribuir para seu sucesso e impulsionar o desenvolvimento do país.

Em 2015, a Anprotec firmou uma parceria com o ICE e o Sebrae, que resultou no Programa Aceleração e Incubação de Impacto, com o objetivo de mobilizar aceleradoras e incubadoras a desenharem estratégias para atrair, selecionar e acompanhar a estruturação de Negócios de Impacto social. O sucesso da iniciativa mobilizou uma segunda rodada do Programa em 2016, na qual foram selecionadas 41 instituições participantes, de todas as regiões do Brasil. Além disso, para reforçar sua relevância, o tema tem sido pauta na Conferência Anprotec, um dos maiores eventos de empreendedorismo inovador do mundo, realizado anualmente pela Associação e pelo Sebrae.

Todas essas atividades têm sido de grande valia para ampliar o aprendizado de nosso movimento. Em 2017 queremos, cada vez mais, gerar empreendimentos sólidos, que aliem alto desempenho econômico-financeiro à oferta de soluções para problemas sociais e ambientais. Para que isso seja possível, temos o desafio de alcançar um número cada vez maior de incubadoras e aceleradoras envolvidas com o tema, por meio de sensibilização, capacitação e formação de pessoas – tanto para identificar os empreendimentos que já atuam na área quanto para prospectar novos Negócios de Impacto a serem apoiados.

O Brasil possui 369 incubadoras e 35 aceleradoras, ou seja, há um enorme potencial de contribuição dessas instituições para a disseminação dos Negócios de Impacto e de seus benefícios. A expectativa da Anprotec é que o devido preparo desses grupos os conduza à liderança do tema em diferentes regiões, mobilizando sua atuação em parceria com outros agentes locais, como prefeituras, agências de fomento e unidades do Sebrae nos estados. A soma de esforços fará com que os Negócios de Impacto ganhem cada vez mais força. Quando esses empreendimentos se fortalecem, toda a sociedade ganha.

Sheila Oliveira Pires, superintendente executiva da Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores



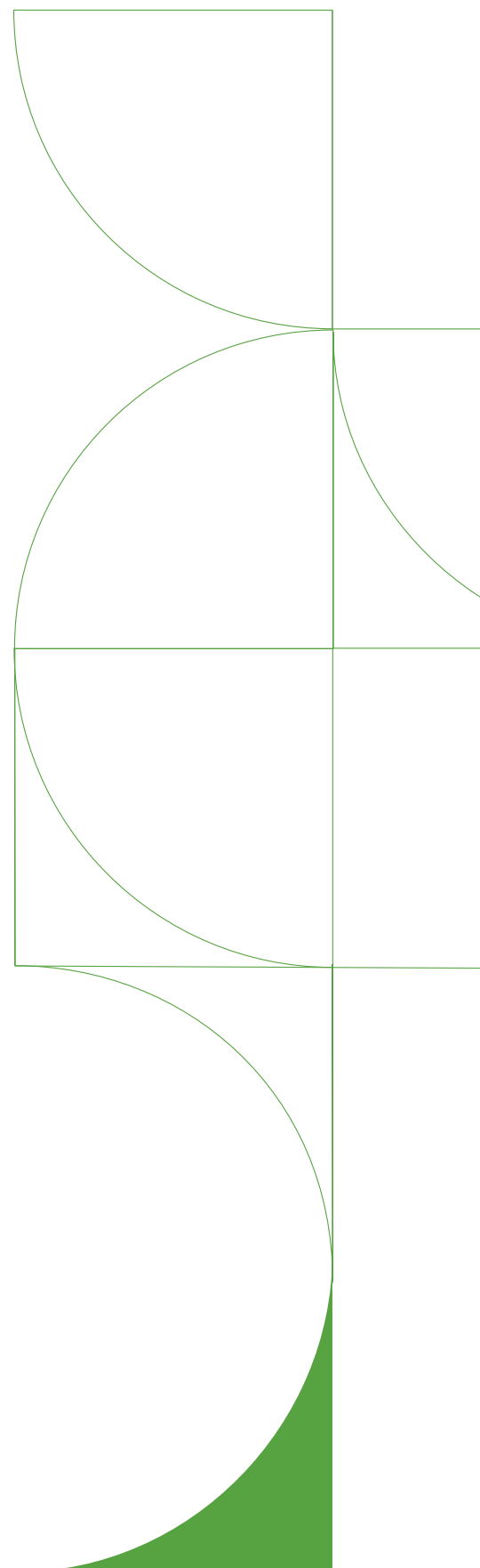
Incubadoras e aceleradoras desempenham um papel crucial no surgimento e sustentabilidade de vários empreendimentos, principalmente de base tecnológica. Além disso, atualmente representam uma capilaridade impressionante – são quase quatrocentas espalhadas por todo o Brasil – que ajuda o tema do empreendedorismo a chegar a lugares onde não estaria presente. Por tudo isso, é tão importante que estas organizações estejam aptas a identificar, incentivar e apoiar esses empreendedores sociais, dando continuidade ao seu impacto e à difusão desta cultura empreendedora no Brasil. E que – se ainda não estiver na pauta – a periferia passe a fazer parte desse movimento. Seja na seleção de empreendimentos cujos produtos sejam destinados a esse público, seja pela identificação de empreendedores oriundos de regiões mais afastadas dos centros das grandes cidades.

A Fundação Telefônica Vivo acredita que o potencial dos jovens, aliado à tecnologia digital, tem papel fundamental na geração de soluções transformadoras para nossa sociedade. Por isso, desenvolvemos o Programa Pense Grande, que tem como objetivo difundir a cultura empreendedora de impacto social com tecnologia digital para jovens, especialmente os de periferias. Apesar de termos uma estratégia ampla e integral para desenvolvimento do tema, acreditamos que é necessário investir no ecossistema e portanto em diversos outros atores. ”

Fundação Telefônica Vivo

Telefônica | vivo

Fundação Telefônica



APOIO SEBRAE AOS EMPREENDEDORES DE NEGÓCIOS DE IMPACTO

DEFINIÇÃO

A FTFS recomenda ao SEBRAE que avalie as múltiplas oportunidades de vincular ou fortalecer a temática dos Negócios de Impacto em seus programas de formação e apoio a atuais e potenciais empreendedores, considerando o desafio de colocá-los em rede com um número maior de empresas.

ONDE QUEREMOS CHEGAR

Programas do SEBRAE atendem 10 mil empreendedores até 2020 com serviços e produtos que estimulem a criação e o fortalecimento de Negócios de Impacto.

Todas as unidades estaduais do SEBRAE oferecem algum produto especializado no estímulo e apoio a empreendedores de Negócios de Impacto.

AVANÇOS 2016

Atendimentos SEBRAE com foco em Negócios de Impacto: segundo o Mapa de Experiências 2016, consolidado pelo Sebrae Nacional, cinco estados (MS, RJ, ES, RS e SC) estruturam produtos e serviços de estímulo à formação e fortalecimento de Negócios de Impacto social e ambiental (veja consolidação abaixo).

Parceria Rio+B: iniciativa do Sebrae/RJ com o Sistema B para engajar o setor empresarial, levando-o a atuar na solução dos desafios socioambientais da Região Metropolitana do Rio de Janeiro por meio da melhoria do impacto dos seus negócios.

Lançamento da Pesquisa

“Ecosistema de Negócios de Impacto Social do Rio de Janeiro”: mapeamento realizado pelo SEBRAE/RJ com produtos e serviços oferecidos por instituições que apoiam Negócios de Impacto Social na cidade do Rio de Janeiro.

A pesquisa foi lançada durante o “Seminário Negócios de Impacto Social” e se desdobrou em um grupo de trabalho para construir ações coletivas que fortaleçam o ecossistema carioca de impacto.

DESAFIOS A SEREM SUPERADOS

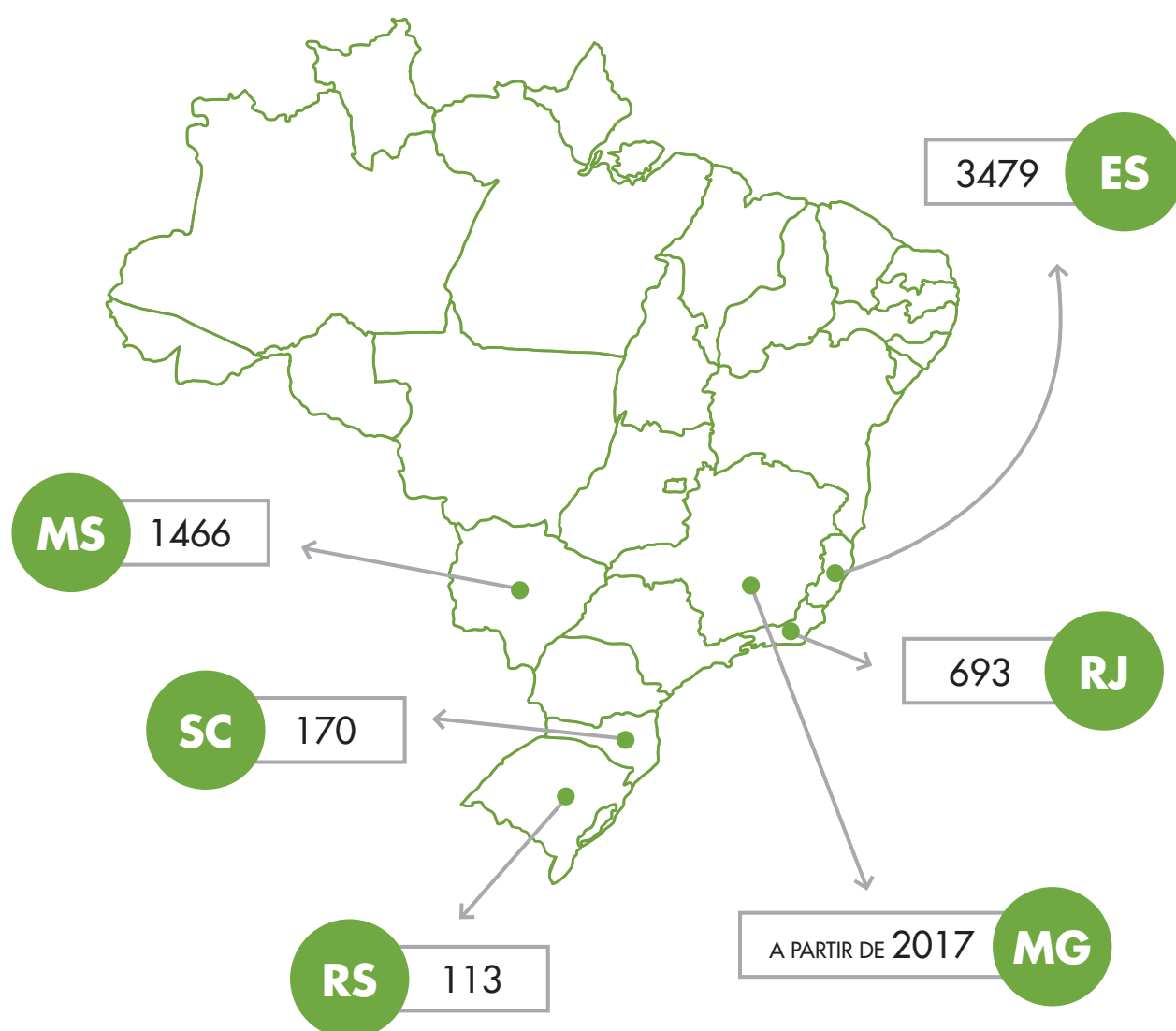
Resguardar parâmetros na definição do impacto social e ambiental mínimo que os negócios devem produzir, certamente para além da geração de emprego e pagamento de impostos.

Sistematizar casos de sucesso que possam inspirar unidades estaduais a construírem programas de formação e fortalecimento de empreendedores de Negócios de Impacto.

O emergente setor de Negócios de Impacto social e ambiental no Brasil é pautado e caracterizado pela atuação e participação dos pequenos negócios. O papel do Sebrae é determinante na identificação, no suporte e no fortalecimento dos empreendedores e de seus negócios. É necessário desenvolver competências para que a gestão desses empreendimentos gere valores e receitas constantes, empregos e impactos sociais e/ou ambientais positivos, possibilitando assim o alcance da sustentabilidade do negócio a médio e longo prazos.

Em 2016, o Sebrae realizou 6.679 atendimentos a potenciais empreendedores, potenciais empresários, MEI, ME e EPP, com um crescimento de 45% em relação ao número de atendimentos de 2015 (4.426). Os Estados que contribuíram para o alcance desses resultados foram Rio de Janeiro, Santa Catarina, Espírito Santo, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. O trabalho coletivo dos Sebrae UF focou na melhoria da gestão dos negócios pelas várias ações de capacitação e consultorias realizadas e no apoio às várias ideias empreendedoras apresentadas nas Maratonas de Negócios e Viradas da Inovação, conforme números de nosso Mapa de Experiências 2016.

ATENDIMENTO A EMPRESAS E POTENCIAIS EMPRESÁRIOS



2 Maratonas de Negócios de Impacto Social (ES, SC)

5 Viradas da Comunidade (ES)

11 Viradas da Inovação (ES)

6479 Atendimento a empresas e potenciais empresários

7 CURSOS

38 PALESTRAS

25 OFICINAS

4 SEMINÁRIOS (ES, MG, RJ, RS)

1833 ORIENTAÇÕES TÉCNICAS

Para 2017, por meio da parceria com o PNUD para implementação do Projeto INCLUIR – Fortalecimento dos Negócios Inclusivos e Sociais no Brasil, das alianças estratégicas do Ecossistema de Impacto e do nosso Centro Sebrae de Sustentabilidade, teremos 12 Sebrae UF envolvidos com a temática dos Negócios de Impacto Social e Ambiental para ampliar a relação do atendimento, a competitividade dos negócios inovadores e fortalecer a ação integrada de parceiros. Dentre os desafios, o Sebrae irá estimular a inserção de Negócios de Impacto social e ambiental em cadeias de valor, ampliar o conhecimento sobre a maturidade de gestão dos pequenos negócios e o acesso a novas tecnologias, aos programas de aceleração e de incubação. Vai também articular para ampliar o acesso ao capital empreendedor, além de apoiar os mecanismos que facilitam o acesso a mercados e que levam à melhoria do ambiente regulatório. Nessa agenda, junto com o movimento da Força Tarefa de Finanças Sociais e todos os parceiros do Ecossistema, grandes benefícios serão alcançados, tais como o fortalecimento da governança, a disseminação de boas práticas e o aprendizado coletivo para apoiar negócios transformadores de realidades.

Valéria Barros – Coordenação do Macrosegmento Negócios de Impacto Social e Ambiental do Sebrae Nacional.

CONHECIMENTO E FORMAÇÃO

DEFINIÇÃO

A FTFS recomenda às Instituições de Ensino Superior (IES) que incluam as temáticas de Finanças Sociais, Empreendedorismo Social e Negócios de Impacto na grade curricular das mais variadas áreas, estruturarem cursos específicos e direcionem esforços para a produção e disseminação de conhecimento nessa temática.

ONDE QUEREMOS CHEGAR

- Ao menos um curso de graduação, um de pós-graduação e um de especialização nas áreas de Finanças Sociais, Empreendedorismo Social e Negócios de Impacto em cada região do país.
- Temáticas de Finanças Sociais e de Negócios de Impacto debatidas para além das escolas de administração e negócios, como áreas de engenharia, saúde, direito e políticas públicas.
- Agências de fomento à pesquisa (regionais e nacional) explicitam o tema como uma linha (ou sub-linha) de financiamento e criam edital de pesquisa específico.
- Professores incluem temáticas relacionadas às Finanças Sociais e Negócios de Impacto em suas linhas de pesquisa e propõem à CAPES edição especial de revistas qualificadas.
- Mais alunos de graduação e pós-graduação conhecem e estudam temáticas de Finanças Sociais e de Negócios de Impacto.
- Mais profissionais interessados e mais bem preparados para empreender, gerir, financiar ou apoiar Negócios de Impacto.

AVANÇOS 2016

Lançamento do Prêmio ICE 2016 para trabalhos acadêmicos: terceira edição do prêmio que reconhece alunos e professores orientadores que desenvolvem pesquisas acadêmicas nas temáticas de Finanças Sociais e de Negócios de Impacto.

Criação e lançamento do Blog Rede NIFS (Negócios de Impacto e Finanças Sociais):

o Programa Academia do ICE formou uma rede (hoje com 50 professores de 14 Estados), que decidiu criar um blog para conectar todos os professores que atuam no campo, informações sobre estudos, pesquisas, artigos, eventos, editais e outros conteúdos relativos a Negócios de Impacto e Finanças Sociais (www.ice.org.br/blog-rede-nifs)

Curso “Investimentos em Negócios de Impacto Social”: parceria entre o Insper e a Universidade de St. Gallen.

Criação ou continuidade de disciplinas e atividades de extensão, como a parceria entre o Fundo Zona Leste Sustentável e a FGV (professores Edgard Barki e Zilma Borges), que conduziram uma formação com 18 alunos de graduação a partir do desafio de fortalecer a agenda de Agricultura Urbana da Zona Leste com a perspectiva de Negócios de Impacto.

DESAFIOS A SEREM SUPERADOS

Ampliar o conhecimento e relevância da temática de impacto social e ambiental entre lideranças e conselhos de IES, para que tenham metas mais ambiciosas de geração de pesquisas e formação de professores e alunos nessa temática. Ampliar repertório e casos de referência para atrair interesse de estudantes para este novo campo.

O fortalecimento das Finanças Sociais e dos Negócios de Impacto passa, necessariamente, pelo engajamento e produção da Academia nesse campo. Seja na formação de um novo profissional comprometido em gerar impacto socioambiental positivo (por meio de qualquer carreira que escolher), seja sistematizando conceitos, oferecendo apoio técnico ou certificando modelos de negócios que serão referências futuras. Nessa perspectiva, é importante que diferentes atores sejam mobilizados – dentre alunos, professores, pesquisadores, corpo diretivo, organizações de fomento à pesquisa e gestores públicos de educação.

O ICE optou por estruturar um Programa focado em professores e pesquisadores de Instituições de Ensino Superior (IES), com os objetivos de (1) conectá-los com o ecossistema de Finanças Sociais e Negócios de Impacto brasileiro e internacional; (2) estimular a produção de pesquisas e *cases* de empreendedorismo de impacto; (3) criar novas disciplinas e cursos; (4) estimular a criação e desenvolvimento de atividades de extensão que conectem o aluno com a realidade local; e (5) sistematizar e disseminar entre eles suas práticas acadêmicas – proporcionando inspiração e engajamento. Atualmente a rede de professores do Programa Academia ICE conta com 50 docentes de 28 IES, em 10 Estados brasileiros.

Ao longo dos últimos quatro anos, dialogando com a nossa rede, temos acompanhado alguns movimentos, dentre eles:

- Uma tendência crescente de formação de profissionais cada vez mais empreendedores. Seja pela ausência de vagas no mercado, pela necessidade urgente de inovação ou pela vontade de jovens de atuar conectados a seus propósitos, as escolas têm testado formatos que estimulam e instrumentalizam seus alunos a identificar e criar novas oportunidades de negócios.
- O empreendedorismo de impacto é um amadurecimento da tendência acima. Vincular soluções que resolvam um problema social com oportunidades de mercado é um modelo de negócio que exige mais conexão com a realidade social (para dar relevância ao negócio) e sistemas de avaliação (que comprovem a sua efetividade).
- As atividades de extensão têm se mostrado práticas relevantes para conectar alunos às questões sociais, a redes de parceiros e a soluções viáveis de serem implementadas. É importante que mais pilotos de extensão sejam estruturados e disseminados para replicação em diferentes IES.
- É essencial ampliar o diálogo entre a academia e o ecossistema de Finanças Sociais e Negócios de Impacto (principalmente empreendedores e investidores), para dar visibilidade a temas que deveriam ser pesquisados e competências que deveriam ser desenvolvidas. Destaque para IES que contam com incubadoras vinculadas à sua estrutura.
- É preciso espriar o empreendedorismo de impacto para além das escolas de negócios, trazendo áreas técnicas específicas (como engenharias, saúde, direitos humanos, etc.), além de áreas de gestão (marketing, finanças, operações, logística, gestão de tecnologia, etc.) para o debate.

Se quiser conhecer mais sobre o Programa Academia ICE, acesse

<http://ice.org.br/academia-3/>

DEFINIÇÃO

A FTFS recomenda aos órgãos reguladores do mercado financeiro, em especial ao Banco Central e à Comissão de Valores Mobiliários (CVM), que normatizem plataformas inovadoras de captação de recursos para empresas, em especial àquelas em estágio inicial de desenvolvimento.

ONDE QUEREMOS CHEGAR

Banco Central, Comissão de Valores Mobiliários e outros atores que podem regulamentar o financiamento de diferentes modelos de Negócios de Impacto incluem na sua agenda a expansão e a diversificação de mecanismos e ferramentas, seguras e menos burocráticas, que estimulem a oferta de capital de indivíduos, organizações privadas e governo.

AVANÇOS 2016

Autorização pela CVM de novo formato de captação de recursos:

a CVM autorizou a plataforma Broota a utilizar uma nova estrutura para captação de recursos pelo sistema de *crowdfunding*. Essa modalidade simplifica o processo de captação e diminui o risco dos investidores ao utilizar as chamadas Sociedades de Propósito Específico (SPE's).

Em 2016, várias companhias levantaram recursos por meio dessa modalidade na plataforma do Broota – como os casos do Programa Vivenda e do Impact Hub SP, que captaram a soma de R\$ 1 milhão, tendo como investidor líder da SPE a Din4mo.

Estudo de novo mecanismo de securitização: a Din4mo, em conjunto com diversos parceiros, está desenvolvendo um mecanismo de securitização de dívida, que deverá permitir o crescimento mais acelerado de empresas que atuam, por exemplo, no segmento de reforma de casas populares.

DESAFIOS A SEREM SUPERADOS

Fortalecer o ambiente regulatório para o segmento de *equity crowdfunding* no Brasil. Ainda que a CVM tenha iniciado em 2016 um processo de consulta pública com o objetivo de regulamentar esse tema, uma versão final da norma será finalizada até o primeiro semestre de 2017. A principal pergunta que esse texto busca responder é a de como atrair novos e diferentes investidores para o campo de Negócios de Impacto. Isso envolve o desenvolvimento de uma proposta de valor poderosa, além de adequada, coerente e consistente com a necessidade dos empreendimentos a serem financiados. Em outras palavras, o que é ganha-ganha neste contexto?



É interessante ver que as recomendações da FTFS estão fazendo (reforçando o gerúndio) com que os institutos e as fundações mudem uma cultura histórica de investimentos. Antes, o capital era normalmente destinado a um uso exclusivamente filantrópico e apoiado em uma só causa. Hoje, percebemos que ele (o capital) se movimenta para também apoiar Negócios Sociais/Negócios de Impacto, muitas vezes com fins de lucro mas que, além do retorno financeiro, trazem um resultado social ou socioambiental magnífico e, melhor ainda, com perenidade.

Precisamos divulgar cada vez mais novos formatos/estruturas de apoio a esses negócios.

Rodrigo Menezes, Derraik & Menezes
e Força Tarefa de Finanças Sociais



Para os atores que buscam soluções para o desafio dos Negócios de Impacto, a adoção de um olhar inovador e sistêmico é essencial. Assumindo que o problema principal não é a escassez de capital, mas a forma como ele é alocado, destacamos três desafios principais.

Desafio Cultural: colocar o empreendedor no “centro” da solução do financiamento. Significa pensar a questão a partir das reais necessidades do empreendedor. Que tipos de recursos, prazos, carências e taxas um empreendimento de impacto precisa para assegurar sua sustentabilidade no longo prazo? Sem a aderência entre o cliente e o *design* da solução, o mercado não crescerá de forma saudável e atrativa no médio e longo prazos. Teremos apenas “primeiras rodadas”. Essa é a dimensão do “**Por que?**”: projetos dessa natureza têm que assumir como ponto de partida o propósito de desenvolver o empreendedor de impacto. Isso exige inovar na postura, buscando entender profundamente a demanda e influenciar a forma de criação da oferta.

Desafio Econômico: equilibrar a “cesta de oferta”, combinando as dimensões de impacto, risco, retorno e liquidez desejados. Para isso, é preciso entender os diferentes perfis de investidores e suas lógicas de escolha. É essencial buscar soluções que acolham a diversidade. Essa é a dimensão do “**O Que?**”. Ela exige inovarmos no pensamento sistêmico, focando nas relações, conexões e sinergias entre atores, mais do que nas unidades/partes isoladas do ecossistema.

Desafio Legal: agilizar a viabilidade de prototipação e validação de instrumentos e mecanismos inovadores que terão que ser desenvolvidos para contemplar os dois desafios anteriores. Essa é a dimensão do “**Como?**”. Ela requer um esforço de inovação a partir da criação de “contextos ou marcos regulatórios inéditos”, que reduzam os riscos relacionados ao negócio alvo do financiamento, minimizando as barreiras de entrada a investidores interessados e os custos de transação. O financiamento via *equity* tem no setor de *crowdequity*, recém desenvolvido, um bom exemplo de estratégia de inovação financeira que contempla estes três desafios. As *startups* estão no centro do palco e estruturam suas demandas de acordo com as suas necessidades efetivas, buscando equilibrar a cesta de oferta e contemplar as exigências da CVM, que vem acompanhando e influenciando de forma proativa o setor. Perfis diferentes de investidores podem encontrar ofertas que contemplam suas expectativas, democratizando o acesso ao investimento de impacto.

O financiamento via oferta crédito, porém, continua sendo uma “dor aguda” para os empreendedores desse campo. Urge que soluções inovadoras preencham essa lacuna. Nossa percepção é a de que há espaço para soluções dessa natureza junto a investidores pioneiros, sendo o desafio legal a maior barreira para a ampliação da oferta de crédito para os Negócios de Impacto.

Em suma, para superar esses desafios são essenciais iniciativas coletivas que envolvam representantes dos principais *stakeholders* desse ecossistema: empreendedores de impacto, investidores de diferentes perfis e reguladores. Afinal, problemas sistêmicos demandam soluções sistêmicas.

Haroldo Torres, Marcel Fukayama e Marco Gorini, Dyn4mo

AVALIAÇÃO DE IMPACTO

DEFINIÇÃO

A FTFS recomenda às Instituições de Ensino Superior e às Entidades Avaliadoras e Certificadoras que construam e implementem um plano de disseminação da cultura de avaliação no Brasil para empreendedores e investidores de impacto, acompanhando as tendências globais de uma linguagem comum e padrões de avaliação de impacto.

ONDE QUEREMOS CHEGAR

Empreendedores de Negócios de Impacto (1) têm clareza da transformação que pretendem gerar na sociedade e da performance financeira esperada, (2) criam suas teorias de mudança e identificam os indicadores que vão acompanhar, (3) avaliam o impacto social e/ou ambiental que promovem, (4) avaliam sua performance financeira e (5) incluem a avaliação de impacto no seu sistema de gestão.

Financiadores (1) criam sua teoria de mudança e indicadores que vão acompanhar e (2) avaliam o impacto social e/ou ambiental do seu portfólio de investimento.

Empreendedores de Negócios de Impacto e financiadores alinham entendimentos e expectativas sobre impacto social e retorno.

Instituições de Ensino Superior e organizações avaliadoras e certificadoras criam ao menos um centro de avaliação de impacto referência por Estado.

AVANÇOS 2016

Formação da Rede de Mensuração de Impacto em Finanças Sociais: iniciada pelo Insper Metricis e pelo ICE, a Rede se estruturou com o objetivo de fortalecer a cultura de avaliação de impacto por meio de: (1) compartilhamento de conhecimento, (2) agregação de dados, (3) disseminação de experiências, (4) construção de capacidades, e (5) articulação de recursos. A Rede conta com aproximadamente 20 organizações e estuda a implementação de projetos próprios.

Curso avaliação/mensuração de impacto social: a primeira turma do curso estruturado pelo IDIS e Insper foi realizada em 2016.

Grupo “Métricas na prática”: encontros promovidos pela ANDE para discutir metodologias e casos de avaliação de impacto entre membros da ANDE.

Projeto “Base de Dados de Variáveis para Avaliação de Impacto”: o Insper Metricis, com o apoio do ICE, tem consolidado bases de dados públicas brasileiras para que possam compor uma plataforma e, de forma agregada, ajudem a promover a prática de avaliação de impacto no País (tendo como referência a base IRIS de avaliação de impacto).

Estruturação do projeto “Empactico” (ver recomendação #5)

DESAFIOS A SEREM SUPERADOS

Criar padrões globais de mensuração do impacto social e ambiental dos negócios.

Engajar e capacitar empreendedores para uso da avaliação como ferramenta de gestão estratégica do negócio.

Identificar metodologias de avaliação de impacto factíveis com os recursos financeiros e a qualificação técnica de empreendedores e financiadores.

Insper METRICIS

Núcleo de Medição para Investimentos de Impacto Socioambiental

De forma alinhada aos esforços da Força Tarefa de Finanças Sociais, o ICE e o Insper Metricis (núcleo de investimentos de impacto do Insper) passaram a organizar reuniões com diversos atores do ecossistema de finanças sociais para discutir o tema de medição de impacto. Nesse esforço, o primeiro ponto a considerar é que o campo, até mesmo em âmbito global, está ainda aprendendo e comparando modelos alternativos para medir e avaliar resultados de negócios com relevância socioambiental. Não é algo simples e as questões mais importantes vão desde o custo do processo de medição até a necessidade de garantir segurança e aplicabilidade gerencial das avaliações.

Dada essa complexidade e como resultado das discussões, parte-se do princípio de que provavelmente não existe uma resposta única à pergunta de como medir impacto; as diversas abordagens devem se adaptar às necessidades e estágio de maturação dos empreendedores e investidores. Por exemplo, empreendedores em anos muito iniciais do seu ciclo encontram limitações de recursos financeiros e humanos para realizar avaliações mais complexas. Porém, com o crescimento e evolução da empresa, o desenvolvimento de indicadores de impacto acaba sendo uma necessidade para atrair investidores com exigências mais estritas em termos de governança e transparência. Da mesma forma, a emergência de mecanismos de pagamento por resultados, como os contratos de impacto social e suas derivações, acabam exigindo medidas mais precisas de impacto, como forma de garantir que os investidores e empreendedores recebam pelos resultados que eles efetivamente gerarem.

A rede de discussão também caminhou no sentido de executar projetos concretos para facilitar o acesso a metodologias e dados sobre como avaliar impacto, com foco em finanças sociais. Os participantes do grupo se dividiram em seis projetos complementares, enfocando diversos aspectos práticos sobre o tema. Por exemplo, um grupo se debruçou sobre formas de classificar e documentar as diversas abordagens e formas de medição. Outro grupo buscou conceber uma plataforma para compartilhar casos reais de avaliação de impacto em negócios sociais, enquanto outro time propôs uma forma de consolidar bases de dados disponíveis no Brasil e que possam ser utilizadas para baratear iniciativas de medição.

Todas essas iniciativas buscam preservar a pluralidade dos participantes do ecossistema e suas distintas necessidades, ao mesmo tempo construindo uma dinâmica para compartilhar experiências e definir novas direções para o campo. Em 2017, as reuniões devem continuar, provendo tanto um acompanhamento dos projetos como um fórum contínuo de discussão e de aprendizagem mútua.



O social assume um novo lugar nas agendas dos negócios empresariais. Além das demandas de diversos setores da sociedade, que buscam empresas com alto nível de responsabilidade socioambiental, existe hoje uma pluralidade de caminhos para os financiadores que vão da filantropia tradicional, passando pelo Investimento Social Privado até o apoio a Negócios de Impacto. Daí a importância de amplo diálogo e da formulação de bons diagnósticos e desenhos de linhas de atuação para se verificar o formato mais adequado para receber recursos.

Para alinhar o entendimento e a expectativa entre impacto social e investimento financeiro, é importante ter clareza das diferenças entre o setor empresarial e o setor social de modo a se destacar a diversidade das dinâmicas, formas de atuação e tempos de maturidade dos produtos, programas ou projetos que receberão investimento.

É preciso levar em conta que os efeitos de uma intervenção que busque soluções para questões sociais dependem muito do contexto onde ela se dá. Desta forma, há a necessidade de experimentar a iniciativa em diferentes contextos, para assim encontrar as condições adequadas. Nesse sentido, é preciso também estabelecer avaliações contínuas e retornos de longo prazo.

Encontrar soluções e focos de investimentos que agreguem valor tanto para a melhoria de uma questão social como para o investidor é um desafio a ser considerado. Daí a importância de compreender e ouvir os principais stakeholders do processo com suas demandas e necessidades de envolvimento.”

Maria Alice Setubal, Fundação Tide Setubal,
CENPEC e Força Tarefa de Finanças Sociais



INTEGRAÇÃO DO GOVERNO FEDERAL

DEFINIÇÃO

A FTFS recomenda ao Governo que incorpore o tema de Finanças Sociais na condução de políticas públicas, atuando com visão estratégica para impulsionar o campo, por meio da viabilização de mecanismos financeiros de impacto e do fortalecimento de organizações intermediárias.

ONDE QUEREMOS CHEGAR

Identificar um interlocutor da Força Tarefa de Finanças Sociais no governo federal, para acompanhamento e articulação da agenda de Finanças Sociais, tanto para o contexto nacional quanto para o global.

Engajar lideranças de diversos Ministérios e Secretarias do governo federal para que conheçam os conceitos e oportunidades de integração e apoio ao campo das Finanças Sociais e Negócios de Impacto.

AVANÇOS 2016

Formalização do Acordo de Cooperação entre a Força Tarefa de Finanças Sociais e o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC): a FTFS e o MDIC, representado por sua Secretaria de Inovação e Novos Negócios (SIN), firmaram um acordo de cooperação para desenvolver ações conjuntas que promovam as Finanças Sociais no Brasil por meio da ampliação dos Negócios de Impacto e do fortalecimento do ecossistema das Finanças Sociais.

Formação do grupo de trabalho “Finanças Sociais no Governo Federal”:

a convite do MDIC e da Força Tarefa, outros atores da gestão pública federal (direta e indireta), como Ministério do Planejamento, Caixa Econômica Federal, BNDES e Sebrae, estruturaram um calendário de encontros para discutir, propor, alinhar, monitorar e avaliar ações que possam contribuir para a ampliação dos Negócios de Impacto e para o fortalecimento do ecossistema das Finanças Sociais.

DESAFIOS A SEREM SUPERADOS

Garantir representante do Governo Federal no acompanhamento e integração com o movimento global por meio do *Global Social Impact Investment Steering Group* (reunião de Forças Tarefas de Finanças Sociais de 13 países) para gerar conhecimento para o Brasil.

Conectar gestores públicos federais com experiências globais bem sucedidas e que poderiam ser replicadas no contexto brasileiro. Identificar, priorizar, criar e movimentar políticas que possam fomentar e fortalecer as organizações intermediárias do ecossistema de Finanças Sociais e Negócios de Impacto.

Integrar mais ministérios e secretarias federais para que se engajem e atuem em prol do fortalecimento das Finanças Sociais e Negócios de Impacto.

A imagem do setor público no Brasil não é das melhores perante a população, que geralmente critica burocracia, corrupção, ineficiência no atendimento ao cidadão, além de técnicas ultrapassadas de gestão e prestação de serviços. No entanto, este gigante chamado governo representa um mercado extraordinário. Suas ações impactam milhões de pessoas e sua eficiência afeta diretamente o futuro da nação, para o bem ou para o mal.

Os Negócios de Impacto surgem como uma grande oportunidade para o próprio governo repensar sua atuação, já que abre uma nova possibilidade de contratação e parceria. O grande diferencial desses negócios é que reúnem o melhor das opções existentes hoje na esfera pública: atendem uma demanda social e ambiental típicas de governo, possuem a lógica empresarial sem buscar lucratividade máxima a qualquer custo e, finalmente, teriam a capilaridade de ONGs, mas com capacidade financeira e de gestão para expandir as operações em larga escala.

O Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços está trabalhando fortemente para inserir os Negócios de Impacto e Finanças Sociais nas políticas públicas do Governo Federal. Acreditamos que esse novo segmento de atuação traz grandes oportunidades de desenvolvimento econômico e também de melhoria nos serviços prestados à população.

Os diferentes níveis de governo compram bilhões de reais anualmente em produtos e serviços, o que gera uma oportunidade única para investidores e empresas de impacto social oferecerem soluções inovadoras a preços competitivos.

Quanto à melhoria nos serviços, abre-se um grande espaço para o governo oferecer soluções mais inovadoras, eficientes e baratas para atendimento à população.

Para isso acontecer, várias frentes avançam simultaneamente. A primeira é um grande trabalho de conscientização e capacitação junto às comunidades de *startups* sobre o potencial deste segmento. Um exemplo é a criação de uma área específica para Negócios de Impacto dentro do InovAtiva Brasil, o maior programa de aceleração de *startups* do país e executado pelo Ministério da Indústria. Outras frentes incluem propostas regulatórias para compras públicas de soluções inovadoras, criação de fundos de investimento específicos, maior segurança jurídica para investidores-anjo, uso do fundo social do BNDES, disseminação do tema dentro do governo, linhas de financiamento dedicadas para esses negócios, entre outros.

A multiplicação de empreendimentos capazes de gerar lucro e retorno social e, ao mesmo tempo, responder aos desafios impostos pelos problemas sociais, deve ser tema de políticas públicas. Apesar de ser uma agenda ampla, que demanda a articulação de diferentes instituições de governo e que envolve grandes desafios, os Negócios de Impacto são perfeitos para trazer maneiras inovadoras de prestar serviços públicos ao cidadão e ao mesmo tempo gerar desenvolvimento econômico.

Marcos Vinícius Souza, Ministério da Indústria,
Comércio Exterior e Serviços e Força Tarefa de Finanças Sociais.

CONTRATOS DE IMPACTO SOCIAL*

*tradução para o conceito de SIB – Social Impact Bonds

DEFINIÇÃO

A FTFS recomenda ao Governo Federal que apoie o desenvolvimento de um mercado de Contratos de Impacto Social (CIS), incentivando governos estaduais e municipais a fazerem uso dessa ferramenta alternativa e aumentando, assim, a eficácia da alocação de recursos para intervenções sociais.

ONDE QUEREMOS CHEGAR

Modelo de CIS implementado e monitorado para que aprendizados facilitem sua replicação para outras áreas e regiões do país.

Governo Federal cria um ou mais fundos de fomento ao setor, que possam cofinanciar, com governos estaduais e locais, a estruturação dos CIS no Brasil (estudos de viabilidade, criação de indicadores de impacto, implantação de projetos-piloto, disseminação de resultados, etc.).

Mais financiadores privados conhecem o CIS e têm interesse em apoiar sua implementação (atuando como garantidor) e sistematização do ciclo de aprendizagem.

AVANÇOS 2016

Estruturação de um Contrato de Impacto Social (CIS) no Ceará: a SITAWI Finanças do Bem assinou um termo de cooperação técnica com o governo do Ceará para estruturação de um CIS na temática de “desospitalização” de pacientes crônicos. O projeto concluiu a fase de Análise de Viabilidade, definindo resultados, métricas, população-alvo, modelos de assistência, escopo dos serviços e modelo jurídico. Este CIS deverá ser lançado em junho de 2017.

Estruturação de um Contrato de Impacto Social (CIS) em São Paulo:

o INSPER Metricis, em parceria com o Governo do Estado de São Paulo e o BID, está realizando um estudo de viabilidade de um CIS focado em alunos do ensino médio em regiões de alta vulnerabilidade social, para que concluam o ciclo de aprendizado (reduzindo o risco de evasão escolar). Este CIS deverá ser lançado em junho de 2017.

Evento “Inovação em Contratos de Impacto Social (CIS): experiência Mundial e Agenda para o Brasil”:

o Insper Metricis, em parceria com o BID, IFC, Social Finance UK e o Governo do Estado de São Paulo promoveram o encontro em novembro de 2016 para discutir as oportunidades e desafios do CIS com especialistas do Brasil e do exterior, autoridades e representantes de organismos governamentais, investidores, provedores de serviços e demais atores do ecossistema de finanças sociais brasileiro.

DESAFIOS A SEREM SUPERADOS

Sensibilizar gestores públicos a apostar em Contratos de Impacto Social, mecanismo ainda em desenvolvimento que precisa de recursos para ser estruturado.

Reconhecer o papel temporário da filantropia e subsídios de diferentes atores no curto prazo para a etapa de estruturação e, ao mesmo tempo, desenvolver mecanismos que permitam que o custo de estruturação seja incorporado ao investimento (retornável) da fase de implementação.

A estruturação de um Contrato de Impacto Social (CIS) envolve etapas complexas e complementares: a definição precisa do problema a ser abordado, a população-alvo, a disponibilidade de informação, definição da métrica, estruturação da oferta, mensuração do impacto, etc. Ao mesmo tempo, o sucesso do instrumento tem um enorme potencial de resultado a depender da forma como o impacto social é financiado no Brasil. A arte reside em “costurar” especialidades distintas para tornar sua implementação mais simples e gerar tais consequências.

Dado o nível de complexidade/ inovação, o melhor é “começar pequeno”; ao mesmo tempo, com tantas peças móveis, a estruturação de um CIS é cara e, portanto, quanto maior for o contrato, mais facilmente é diluído esse custo inicial. Assim, os primeiros CIS em estruturação no Brasil – na área da saúde no Ceará e na área de educação em São Paulo – contam com apoio externo não reembolsável de fundações, institutos, pessoas físicas e organismos multilaterais, mas ainda não do governo federal, como recomendado pela Força Tarefa de Finanças Sociais.

CASE I

Em 2016, a SITAWI, parceira da *Social Finance UK* – inventor do conceito de SIB –, assinou com o Governo do Estado do Ceará o primeiro acordo para estruturar um Contrato de Impacto Social (CIS) no Brasil, numa coordenação que envolve as Secretarias de Saúde, Planejamento, Finanças e a Vice-Governadoria, entre outros. Este CIS aborda a “desospitalização” de pacientes crônicos, uma oportunidade que consideramos atender a vários requisitos para a estruturação de um *Social Impact Bond*.

Nesse sentido, tanto no trabalho com o Governo do Ceará quanto nas demais iniciativas ligadas a CIS, passamos, e continuamos passando, por uma série de aprendizados que acreditamos poderem ser úteis para o campo de Finanças Sociais, especialmente no que tange a inovações que envolvem o poder público:

1. Informação: há muita informação disponível, ainda que a qualidade e sua estruturação sejam bastante heterogêneas. Isso se dá mais entre setores do que entre governos (por exemplo, a informação disponível na área de educação é melhor do que na área de segurança) e não impossibilita o trabalho, mas diminui sua velocidade e precisão.

2. Mobilização: encontramos servidores de alto nível em várias das instâncias com as quais trabalhamos abertos a novas ideias, a pensar de uma forma diferente em um contexto onde tradicionalmente inovação representa

mais risco do que benefício. A mobilização destes servidores, por meio do esclarecimento do propósito do projeto, da mudança pretendida e do impacto para a gestão pública é crucial para a desenhar a melhor forma de fazer.

3. Transparência: há uma arte em balancear o imperativo da inovação com a importância de seguir ritos previstos em níveis de detalhe às vezes extremos. Novidades podem trazer incerteza na motivação, e a melhor resposta é a transparência para todos os atores – em relação ao impacto financeiro e social gerado por problemas e soluções, permitindo que os gestores públicos tomem as melhores decisões.

4. Alinhamento com políticas públicas: o CIS proporciona a oportunidade de convergir resultados e indicadores de sucesso entre a Administração Pública e o Setor Social (por exemplo, serviços de ressocialização de presos têm que ser medidos pelos mesmos indicadores de reincidência usados pelo setor público pra mensurar a ineficiência do sistema prisional).

Estamos certos de que ainda há vários desafios e aprendizados nas próximas etapas, mas também estamos confiantes de que este mecanismo pode trazer ganhos relevantes para a sociedade brasileira.

Bruno Pantojo, Leonardo Letelier e Rafael Ribeiro, SITAWI Finanças do Bem

CASE II

Em 2016, iniciou-se um estudo de viabilidade para um contrato de impacto social (CIS) na área de educação do Estado de São Paulo. O estudo, finalizado em dezembro, resultou de uma parceria técnica entre o Inspere Metricis e a *Social Finance*, organização inglesa que criou o conceito de CIS, com suporte financeiro do BID. Paralelamente, foi realizado um estudo sobre possíveis enquadramentos jurídicos do CIS, tendo em vista as especificidades da legislação brasileira. Apoiado pelo IFC, esse estudo foi realizado pela equipe da Sundfeld Advogados.

O primeiro passo para o estudo de viabilidade foi identificar problemas prementes na área de educação. Em conversas com o governo, optou-se por focalizar o ensino médio e um problema importante nesse ciclo: a elevada repetência e evasão de alunos. Com isso, o governo acaba despendendo recursos em estudantes que, não se formam dentro do período esperado e que muitas vezes, não chegam a completar o ciclo, gerando um elevado custo por aluno formado.

Nesse segmento-alvo, foram definidas regiões de maior vulnerabilidade na região metropolitana de São Paulo, com maior incidência de repetência e evasão, e foram definidas possíveis intervenções para reduzir esse problema. Em linha com outros CIS desenvolvidos no mundo, sugeriu-se um “pacote” de intervenções gerenciadas

de forma coordenada, com foco em três eixos: apoio à gestão das escolas, contato com famílias e suporte individualizado aos alunos. Se essas ações contribuírem para uma redução do custo por aluno formado, há a oportunidade de atrair capital de investidores para organizações que executam as intervenções coordenadas, sendo o pagamento a essas organizações condicionado a metas ligadas a evasão e aprendizado.

O projeto agora deve seguir para a fase de estruturação, com participação intensa do governo e de potenciais provedores de serviço. Ao mesmo tempo, será definido o procedimento legal para estruturar o CIS, de forma a garantir transparência e aderência ao marco jurídico existente. Não menos importante, serão acionados potenciais investidores que possam se interessar em apoiar a iniciativa.

Até o momento, o estudo trouxe importantes aprendizados para o ecossistema, não somente em termos de como identificar necessidades claras das populações-alvo e oportunidades de ação, mas também em como promover inovações envolvendo setor público e atores privados para garantir políticas voltadas a resultados concretos e com comprovação de impacto.

Sergio Lazzarini – Inspere Metricis

PRINCÍPIOS DE NEGÓCIOS DE IMPACTO

DEFINIÇÃO

A FTFS recomenda aos Empreendedores de impacto, Aceleradoras, Empresas, Fundações e Institutos, Organizações Filantrópicas, Instituições Financeiras, Academia e Governo que utilizem os Princípios para Negócios de Impacto no Brasil como referência na definição de Negócios de Impacto.

Segundo os Princípios consolidados pela FTFS, um empreendimento será considerado um Negócio de Impacto quando (1) tem explícito na sua missão o propósito de gerar impacto socioambiental positivo, (2) conhece e mensura periodicamente o impacto que gera, (3) tem uma lógica econômica que permite gerar algum tipo de receita própria; (4) possui uma governança que leva em consideração os interesses de investidores, clientes e a comunidade.

ONDE QUEREMOS CHEGAR

Parâmetros mínimos que identificam modelos de Negócios de Impacto são conhecidos e legitimados por empreendedores e financiadores do campo e são usados como referência para chamadas de fundos de investimento, captação de aceleradoras e incubadoras e em práticas de empresas e governos para compras, contratação e investimento.

AVANÇOS 2016

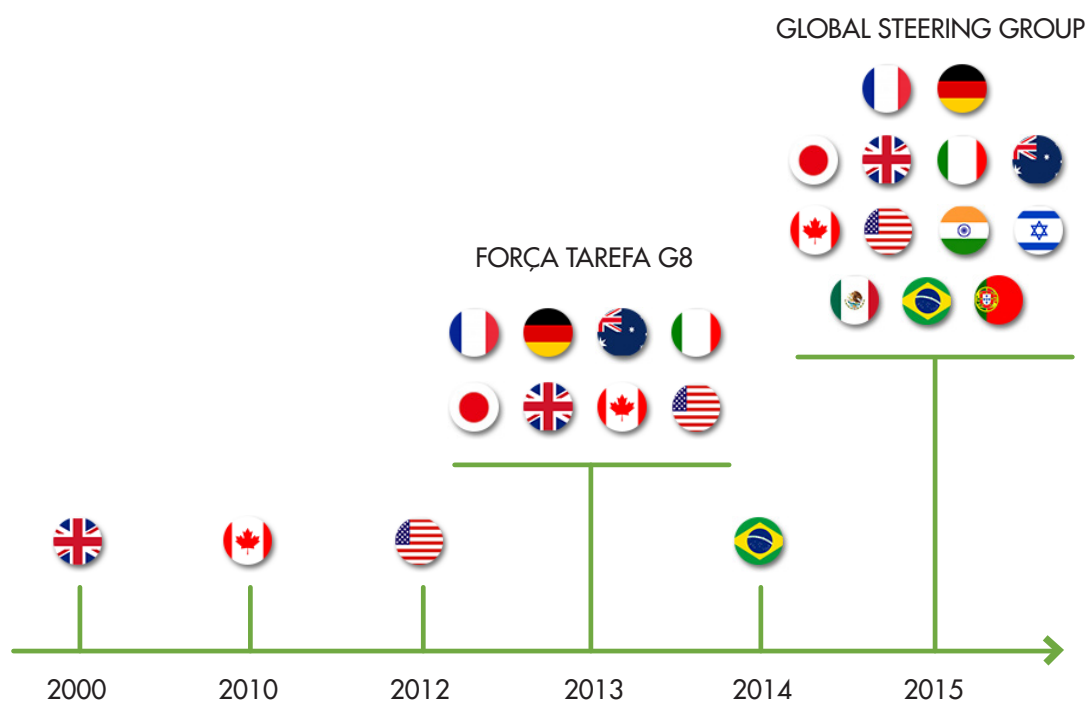
1º Censo de Negócios de Impacto: realizado pela Pipe Social, com patrocínio da FTFS, Cieb e Itaú, e apoio de diversas organizações (aceleradoras, incubadoras, investidores, empresas, institutos, fundações, etc.), o levantamento tem o objetivo de mapear e dar visibilidade aos empreendedores com soluções e inovações nas áreas de Educação, Saúde, Cidadania, Cidades, Finanças Sociais e Tecnologias Verdes. O Censo usou como referência para os Negócios de Impacto os princípios estruturados pela FTFS a partir de um trabalho coletivo com o ecossistema de impacto.

DESAFIOS A SEREM SUPERADOS

Avançar na discussão da necessidade e validade de estruturar uma legislação ou certificação específica para os Negócios de Impacto.

Apoiar a certificação do Sistema B, com expansão da plataforma para dar visibilidade aos indicadores que destacam o impacto nas comunidades de baixa renda.

A primeira Força Tarefa de Finanças Sociais foi criada no Reino Unido em 2000. Nos dez anos seguintes, Canadá, EUA e demais países do G7 (mais Austrália) criaram seus movimentos locais. Em 2013, estruturou-se um comitê global para troca de experiências e ações articuladas. Dois anos depois, esse grupo convidou as Forças Tarefas do Brasil, Índia, Israel, México e Portugal para compor o *Global Steering Group* (GSG), que atualmente tem trabalhado para fortalecer temáticas que possam impulsionar os temas das Finanças Sociais e dos Negócios de Impacto no mundo.



Em 2016, o GSG criou uma diretoria executiva que é responsável pela execução operacional das atividades, entre elas a coordenação de grupos de trabalho com representantes dos países membros em temáticas como "Comunicação", "Plataforma global de aprendizado" e "Fontes alternativas de acesso a recursos".

Especificamente em Comunicação, o GSG tem realizado rodadas de diálogo para identificar narrativas que facilitem o entendimento e conectem atores estratégicos (financiadores, governos, empreendedores e a sociedade civil) às Finanças Sociais e aos Negócios de Impacto. A Força Tarefa brasileira tem ajudado a pautar o debate e certamente irá disseminar os resultados desse trabalho.

Comunicação, pilar estratégico para o avanço das Finanças Sociais e dos Negócios de Impacto

Desde o lançamento das 15 Recomendações da Força Tarefa de Finanças Sociais, a comunicação tem emergido como um tema fundamental para o avanço do campo das Finanças Sociais e dos Negócios de Impacto no Brasil.

Isso se deve à constatação de que as transformações desejadas para o campo dependem também de uma mudança de paradigma de investidores, empreendedores e outros públicos estratégicos sobre a atuação dos negócios na resolução dos problemas sociais e na urgência de se conciliar impacto social e retorno financeiro.

Esse caminho deve ser trilhado de maneira colaborativa, com a participação de diferentes organizações do ecossistema que enfrentam desafios comuns. Além disso, deve-se buscar inspiração em organizações e movimentos que posicionaram temas relevantes para a sociedade.

Abaixo os principais destaques dessa trajetória:

Lançamento da pesquisa *Narrative Landscape of Impact Investing*

Análise da pesquisa produzida pelo *Global Impact Investment Steering Group* com as narrativas de investimento de impacto para diferentes públicos

Workshop de comunicação com especialistas do campo

Workshop de comunicação, que reuniu 12 especialistas de comunicação e do campo para refletir sobre os desafios levantados e co-constituir diretrizes e estratégias de comunicação para o tema

Pesquisa Desafios e Oportunidades para Comunicação

Inspirados pela pesquisa global, fizemos um levantamento para buscar uma compreensão dos desafios e das barreiras de comunicação relacionados ao tema, a partir do olhar de 35 organizações que já atuam com Negócios de Impacto e Finanças Sociais.

Fórum de Finanças Sociais e Negócios de Impacto

Mesa temática que reuniu mais de 150 participantes para discutir o papel da comunicação no avanço da agenda de Finanças Sociais e Negócios de Impacto. Entre os palestrantes: Helio Mattar (Instituto Akatu), Luiz Lara (Lew Lara), Marcel Fukayama (Sistema B), Mariana Moraes (Gife), que compartilharam aprendizados e *cases* de sucesso de movimentos e organizações na mobilização de causas, buscando apresentar caminhos que possam alavancar a comunicação no campo das Finanças Sociais e Negócios de Impacto.

PRÓXIMOS PASSOS

Ainda há um longo caminho a ser percorrido para que os Negócios de Impacto e as Finanças Sociais sejam amplamente reconhecidos por investidores e empreendedores como uma tendência para a resolução dos problemas socioambientais.

Diante disso, priorizamos duas ações estratégicas para 2017:

- **Participação no *Global Steering Group – Communication Group***
Participação de representantes da Força Tarefa Brasileira no grupo global, que está estruturando um alinhamento de narrativas e de mensagens-chave globais sobre o tema. A participação do Brasil garantirá a apropriação desse conteúdo, bem como nos dará condições de disseminá-lo junto a outras organizações do campo. O grupo também está focado no desenvolvimento de projetos específicos de comunicação, como a criação de uma plataforma global onde será possível disseminar cases, estudos e outros conteúdos produzidos em nível global.
- **Workshop para desenvolvimento de protótipos de comunicação**
Workshop com especialistas de comunicação para construção colaborativa de projetos que possam contribuir para disseminar e comunicar de maneira mais efetiva a causa dos Negócios de Impacto e das Finanças Sociais buscando o avanço dessa temática no Brasil.



O desafio é o de criarmos “diálogos de impacto”, com narrativas de Negócios de Impacto social, mostrando toda a rede de valor - na voz de investidores sociais, atores do terceiro setor, autoridades públicas, bancos, empresas, institutos e gestores de negócios sociais, além de depoimentos dos beneficiados – para realmente persuadirmos e engajarmos, visando atingir nossa meta de R\$ 50 bilhões até 2020. Sugiro um portal com documentários permanentemente atualizados – que poderão ser exibidos individualmente em formatos de peças de TV, cinema – para uma divulgação contínua da nossa plataforma, mostrando a evolução dos negócios de impacto social. ”

Luiz Lara, Lew' Lara\TBWA e Força Tarefa de Finanças Sociais



A Força Tarefa de Finanças Sociais priorizou seis recomendações para trabalhar ao longo de 2016. Esse foco nos possibilitou dedicar energia na identificação de atores e fóruns estratégicos para debater caminhos de implementação dessas recomendações – mas não nos limitou a identificar resultados relevantes naquelas não priorizadas. Aprendemos que, apesar das recomendações e metas ligadas a elas nos orientarem de forma bastante clara, esses conteúdos estão em constante revisão. As recomendações, quando debatidas com novos atores, ganham novas abordagens e interfaces, as metas já atingidas ganham novos horizontes, e resultados positivos não previstos são incorporados aos avanços do campo. De forma muito rápida e consistente, o fortalecimento das Finanças Sociais e dos Negócios de Impacto tem ganhado novos caminhos e aliados.

Para 2017, a FTFS irá priorizar 3 desafios:

- (1) Ampliação de recursos para o campo: ações de engajamento e oportunidades para que indivíduos de alta renda, *family offices*, institutos, fundações, governos e grandes empresas aloquem capital para o campo (vínculos com as recomendações #1, #2, #3).
- (2) Formação de *pipeline* para o campo: debate dos gargalos e oportunidades para ampliar o número de empreendedores capacitados e Negócios de Impacto qualificados para receber investimentos (vínculo com as recomendações #8, #9 e #10).
- (3) Comunicação: ações efetivas para ampliar o conhecimento e a relevância dada ao tema de Finanças Sociais entre públicos estratégicos.

Além disso, reforçamos que a nossa missão se manterá focada na conexão entre agendas e atores estratégicos para o campo. Dessa forma, seguem abaixo oportunidades para que você

acompanhe nossas atividades, nos mantenha informados sobre os avanços de sua organização e participe de ações ligadas ao campo das Finanças Sociais e dos Negócios de Impacto.

Além disso, reforçamos que a nossa missão se manterá focada na conexão entre agendas e atores estratégicos para o campo. Dessa forma, listamos algumas oportunidades para que você nos acompanhe, nos mantenha informados sobre os avanços de sua organização e participe de atividades ligadas ao campo das Finanças Sociais e dos Negócios de Impacto.

- Para conhecer a Força Tarefa de Finanças Sociais e nossas publicações, acesse o site: www.forcatarefainancassociais.org.br
- Para conhecer mais sobre os avanços do campo (citados neste relatório) e incluir conquistas novas que você esteja liderando ou acompanhando, acesse a página: <http://avancos.forcatarefainancassociais.org.br/>
- Para aprofundar o entendimento e acompanhar discussões sobre os Contratos de Impacto Social (SIB), acesse a página do SIB Hub: www.sibhub.org.br
- Para participar da Rede de Mensuração de Impacto, liderada pelo Insper Metricis e ICE, escreva para diogo@ice.org.br e saiba mais informações.
- Se você for professor de uma Instituição de Ensino Superior e quer se aproximar do Programa Academia, escreva para contato@ice.org.br

Temos certeza de que 2017 será um ano repleto de avanços e casos de sucesso para as Finanças Sociais e os Negócios de Impacto. A FTFS segue monitorando e incentivando essas histórias.

EXPEDIENTE

Redação

Beto Scretas
Celia Cruz
Diogo Quitério
Leonardo Letelier

Consulta Aberta

Núcleo Digital

Revisão Final e Produção

Paula de Santis
Vivian Rubia

Projeto Gráfico e Diagramação

Twist
Mondoyumi

Agradecemos às pessoas e organizações que generosamente compartilharam textos e reflexões para esse relatório:

Anprotec (Sheila Oliveira Pires)

Aoka Labs (Ricardo Gravina, Daniel Contrucci, Mariana Pavan, Guilherme Borducchi)

Din4mo (Haroldo Torres, Marcel Fukayama e Marco Gorini)

Fundação Telefônica Vivo (Americo Mattar, Luis Fernando Guggenberger, Aline Alvarenga, Luciana Scuarcialupi)

ICE – Instituto de Cidadania Empresarial (Adriana Mariano)

Insper Metricis (Sergio Lazzarini)

ISES – Instituto de Socioeconomia Solidária (Felipe Bannitz)

Itaú (Denise Hills, Andrea Masagão, Maria Eugênia Taborda, Eduardo Hupfer)

MDIC – Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços - Secretaria de Inovação (Marcos Vinícius de Souza, Lucas Maciel, Igor Nazareth)

Oficina Municipal (José Mario Carneiro)

SEBRAE Nacional (Heloísa Menezes, Valéria Barros, Krishna Faria)

SITAWI Finanças do Bem (Leonardo Letelier, Rob Packer, Bruno Pantojo, Rafael Ribeiro, Luiza Coimbra)

Diretoria Executiva



Parceiros Estratégicos



Deloitte.

Telefónica
FUNDAÇÃO | **vivo**

Financiadores



Deloitte.



Telefónica
FUNDAÇÃO | **vivo**

www.forcatarefainancassociais.org.br